

# CONSTRUINDO A MEMÓRIA

AS COLECÇÕES DO MUSEU  
ARQUEOLÓGICO DO CARMO

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA E EDITORIAL

José Morais Arnaud  
Carla Varela Fernandes

FOTOGRAFIA

Divisão de Documentação Fotográfica  
do Instituto Português de Museus

*Coordenação*

Vitória Mesquita e José Pessoa

*Fotógrafo*

José Pessoa

*Assistido por*

José António Moreira  
Sofia Torrado  
Tiago Monteiro

OUTRAS FOTOGRAFIAS

Henrique Ruas, Armando Serôdio, Mário Novaes  
Paulo Guedes, Artur Leitão Bárcia, Manuel Tavares  
Scott Hyde, José Morais Arnaud, Carla Varela Fernandes  
João Ludgero Gonçalves, Paulo Cintra/Laura Castro Caldas  
F.E. Rodrigues Ferreira, Duarte Morgado, Adélia Cavaco Gomes  
Sónia Pires, Maria da Conceição Ribeiro  
Emanuel Santos de Almeida, Mário Varela Gomes

EDIÇÃO

Lisboa 2005

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

© Os Autores

Nenhum texto ou imagem deste livro poderá ser reproduzido,  
no todo ou em parte, sem prévia autorização do editor

PROJECTO GRÁFICO

*oficina de design*: Nuno Vale Cardoso+Nina Barreiros

REVISÃO

António Alves Martins

PRÉ-IMPRESSÃO

Textype

IMPRESSÃO

Printer Portuguesa

DEPÓSITO LEGAL

233 430/05

ISBN

972-9451-46-X

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Museu Arqueológico do Carmo  
Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa, Portugal



# Vila Nova de São Pedro revisitada

José Morais Arnaud\*

## Preâmbulo

A

fortificação calcolítica de Vila Nova de São Pedro (VNSP) foi objecto de pelo menos vinte e oito campanhas de escavação de grande amplitude, dirigidas, numa primeira fase, por Eugénio Jalhay e Afonso do Paço, destacados membros da Associação dos Arqueólogos Portugueses (AAP), e mais tarde só por este último, com a colaboração

pontual de outros arqueólogos portugueses e estrangeiros. Estes trabalhos deram origem a uma vasta bibliografia, constituída por comunicações apresentadas a reuniões especializadas em Portugal e no estrangeiro, de amplitude muito diversa, algumas das quais foram compiladas em dois volumes, editados pela AAP<sup>1</sup>.

A maior parte do abundante espólio recolhido nessas escavações deu entrada no Museu Arqueológico do Carmo (MAC), pertencente à AAP, entidade que patrocinara oficialmente as escavações, tendo o restante sido disperso por diversos museus e instituições, prática então muito corrente.

Em 1990 e 1991 a Secção de Pré-História da AAP tomou a iniciativa de reorganizar as colecções de VNSP depositadas no MAC, no âmbito de um projecto de valorização deste importante sítio arqueológico, em colaboração com a Câmara Municipal da Azambuja, que, porém, nunca chegou a ser concretizado. Tendo-se verificado não existir então nenhum estudo de síntese sobre VNSP, o mesmo foi elaborado, numa perspectiva crítica, pelo signatário, então Presidente da Secção de Pré-História da AAP, que escreveu a parte referente à história das investigações e às estruturas encontradas, em colaboração com João Ludgero Gonçalves, membro da mesma Secção, e então Arqueólogo da Assembleia Distrital de Lisboa, que estudou e sistematizou o abundante e variado espólio encontrado<sup>2</sup>. Não tendo, desde então, sido realizados em VNSP quaisquer trabalhos de investigação susceptíveis de trazer novos dados, seguir-se-á de perto a primeira parte da referida síntese dos trabalhos realizados por Afonso do Paço e seus colaboradores, que foi pouco divulgada, devido à distribuição restrita e à irregularidade de publicação da revista em que foi originalmente publicada. A história das investigações foi, no entanto, um pouco mais desenvolvida, bem como o enquadramento de VNSP no contexto do Calcolítico do Centro e Sul de Portugal, tendo em conta as investigações mais recentes.

No que respeita ao espólio recolhido, dada a sua enorme abundância e diversidade, seria impossível, no âmbito deste catálogo, estudá-lo em pormenor<sup>3</sup>. Será, assim, apenas referido de modo muito sumário nesta introdução, sendo os conjuntos considerados mais relevantes objecto de estu-

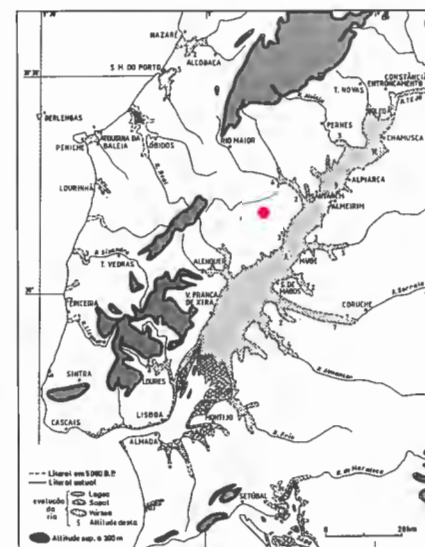


Fig. 1. Localização de VNSP no Litoral Estremenho. Base cartográfica: DAVEAU, 1980.

\* Sócio efectivo e Presidente da Direcção da AAP.

<sup>1</sup> *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, 2 vols., Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1970-1971.

<sup>2</sup> José Morais ARNAUD e João Ludgero Marques GONÇALVES, "A fortificação pré-histórica de Vila Nova de São Pedro (Azambuja) – Balanço de meio século de investigações", *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*, n.º 1, 1990, pp. 25-48, n.º 2, 1995, pp. 11-40.

<sup>3</sup> Por motivos profissionais, não foi possível contar, neste catálogo, com a colaboração de João Ludgero Marques Gonçalves, responsável pela elaboração, em conjunto com o signatário, de uma primeira tentativa de síntese do espólio recolhido em VNSP, referida na nota anterior. Cumpre-me, no entanto, agradecer-lhe a amável cedência das fotografias aéreas que ilustram este capítulo, e da que ocupa lugar de destaque na exposição.

<sup>4</sup> Georges ZBYSZEWSKI, *Carta Geológica de Portugal, Notícia Explicativa da folha 31-A, Santarém*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, 1953, pp. 10-11.

<sup>5</sup> Suzanne DAVEAU, "Espaço e tempo", *Clío 2*, Lisboa, 1980, pp. 10-11.

dos complementares, da autoria de Mário Varela Gomes (objectos rituais), António Monge Soares (metalurgia), Sónia Duarte Ferreira (cerâmica) e Carla Lemos Estrela (artefactos líticos).

O difícil trabalho de selecção e apresentação dos materiais para exposição deve-se a Mário Varela Gomes, que supervisionou também, em conjunto com o signatário, a elaboração das entradas do catálogo por Sónia Duarte Ferreira e Carla Lemos Estrela.

## 1. Situação e recursos naturais

Este povoado pré-histórico, conhecido no local pela designação popular de "Castelo", situa-se na freguesia de Vila Nova de São Pedro, concelho de Azambuja (Fig. 1). Do ponto de vista geológico assenta num planalto de calcários miocénicos<sup>4</sup>, e implanta-se no rebordo Este de um esporão, com a cota de cerca de 100 metros, envolvido a Oeste e a Norte pela ribeira de Almoster. A sua implantação num local com excelente visibilidade e dotado de boas condições naturais de defesa, excepto a Sudoeste, reflecte uma preocupação defensiva, bem patente nas suas várias linhas de muralhas.



Perspectivas aéreas de VNSP.  
Fotos: J.L. Gonçalves

Na actualidade encontra-se a cerca de 14 quilómetros do rio Tejo (Fig. 1), mas nos tempos pré-históricos, antes do assoreamento da ribeira de Almoster, esta era sem dúvida navegável até à base do planalto em que VNSP se implanta, proporcionando assim um excelente meio de comunicação, de grande importância numa época em que já há claros indícios de navegação fluvial e de cabotagem<sup>5</sup>. Há cerca de 5000 anos a maré penetrava ainda decerto no vale de Almoster, o que não só facilitaria a navegação, como proporcionaria a captura de uma gama mais vasta de espécies de peixes e moluscos, enriquecendo assim a gama de alimentos dos seus habitantes. Os alimentos-base seriam, porém, o resultado da actividade agro-pastoril, amplamente documentada no registo arqueológico. Se é certo que os solos aluviais de boa qualidade que hoje existem no vale de Almoster ainda não se teriam constituído, ou seriam afectados pela salini-

dade, devido à penetração das marés, as encostas de pendente mais suave e os vales mais abrigados eram propícios ao cultivo de cereais e à horticultura, completados pela criação de gado bovino e equino nos sapais junto à ribeira de Almoester, de suínos nos montados, outrora decerto mais extensos, e de ovi-caprinos nos terrenos mais pedregosos, e ainda pela caça, nos vastos matagais que envolviam a diminuta área agricultada.

Esta localização privilegiada, quer do ponto de vista defensivo, quer do ponto de vista económico, terá decerto contribuído para o sucesso da comunidade pré-histórica que aqui se estabeleceu durante vários séculos.

## 2. O “Castelo” no imaginário popular

Na sua primeira publicação sobre VNSP, Jalhay e Paço transcrevem as lendas que recolheram neste local. Reproduzem-se aqui as mais significativas, documentos interessantes sobre a percepção que as comunidades locais têm dos sítios arqueológicos<sup>6</sup>.

**1.<sup>a</sup> lenda:** “Em tempos muito remotos andava uma pobre cachopita a apanhar gravatos no alto do ‘Castelo’, quando lhe apareceu uma moirinha muito linda, de pele assetinada e alvo vestido sobre que caíam lustrosas madeixas, e lhe disse: ‘Minha menina, no fim de sete anos vai ao buraco que vês naquela oliveira e recolhe um tesouro que lá se encontra e que é toda a minha riqueza. Mas repara bem, só no fim de sete anos e não contes absolutamente a ninguém coisa alguma do que se passou’. A cachopita, transida de medo, disse que nada revelaria e a trigueira moirinha desapareceu. Refeita do susto, a pequena largou a correr até casa e, sem se lembrar do que prometera, contou tudo à mãe. Mãe e filha dirigiram-se em correria louca para o ‘Castelo’, não fosse outrem saber do segredo e, chegando lá primeiro, recolhesse os tesouros maravilhosos da moirinha caritativa e desinteressada que se propunha tão singelamente entregar a sua fortuna fabulosa. Encaminharam-se para a velha oliveira, rebuscaram o buraco do tronco carcomido e, com grande desapontamento, apenas encontraram enormes quantidades de negro carvão. Chorosas e tristes, só então se lembraram das condições impostas pela moirinha, lastimando a cachopita não ter obedecido a quem tão bondosa para com ela se mostrara.”<sup>7</sup> Esta lenda é muito interessante por reflectir a abundância de grandes quantidades de “negro carvão”, que se viriam a encontrar nas escavações, e que parecem reflectir um período de incêndio generalizado, que será referido mais adiante.

**2.<sup>a</sup> lenda:** “No alto do ‘Castelo’ estão enterradas duas grandes panelas, perfeitamente iguais, uma transbordando de riquezas, outra repleta de peste. Todos desejariam cavar no solo para encontrar a panela da fortuna, mas, temendo dar com a dos malefícios que mataria toda a gente, ninguém se atreve a procurá-las.”<sup>8</sup>

Esta lenda também é interessante, por revelar a existência no lendário popular, de mecanismos de desincentivo à pesquisa de tesouros. Esta deve, todavia, ter sido bastante intensa, ao longo dos tempos, prolongando-se até aos nossos dias.

<sup>6</sup> Eugénio JALHAY e Afonso do PAÇO, “A póvoa eneolítica de Vila Nova de São Pedro. Notas sobre a 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> campanha de escavações – 1937 e 1938” (1939), *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Poço*, vol. I, pp. 230-233.

<sup>7</sup> *Ibidem*, pp. 230-231.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 232.



<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 232.

<sup>10</sup> Com efeito, falta ainda reconhecer o perímetro da maior parte das linhas defensivas intermédia e exterior e escavar a área existente entre as mesmas.

<sup>11</sup> José Leite de VASCONCELOS, “Antigualhas cartaxenses”, *O Arqueólogo Português*, 28, Lisboa, pp. 204-205.

<sup>12</sup> Eugénio JALHAY e Afonso do PAÇO, *ob. cit.*, (1939), pp. 233-234 e fig. 3.

**3.<sup>a</sup> lenda:** “Contam os livros antigos que, no alto do ‘Castelo’, havia duas torres muito grandes e uma igreja com duas portas, entrando a gente por uma e saindo pela outra. Neste templo existiam muitas riquezas, muito ouro e pedrarias. Torres e igreja tudo foi destruído num cataclismo, encontrando-se o fabuloso tesouro debaixo da terra que se amontoa na parte superior do ‘Castelo’. Quem cavasse aquilo encontraria toda a fortuna.”<sup>9</sup>

Estas lendas, quase todas associadas a tesouros, e semelhantes a outras que se conhecem relativas a outros sítios arqueológicos, de norte a sul do país, devem ter criado grande expectativa entre a população local em relação às escavações arqueológicas que iriam ter lugar nas décadas seguintes. O certo é que, apesar dos milhares de metros cúbicos de depósitos que foram escavados, nunca se encontrou neste povoado qualquer objecto em ouro.

### 3. A escavação dos trinta anos

Este sítio pré-histórico foi decerto o mais intensivamente escavado em Portugal até aos nossos dias. Com efeito, nele foram já realizadas cerca de 30 campanhas, a maior parte das quais com cerca de um mês de duração, o que perfaz quase três anos de escavação contínua, com dezenas de participantes. E no entanto, apesar da área relativamente diminuta que ocupa – cerca de um hectare, incluindo as linhas defensivas exteriores – ainda não foi totalmente escavado<sup>10</sup>.

A primeira referência a este sítio arqueológico, que mais tarde se viria a revelar da maior importância, deve-se a Leite de Vasconcelos<sup>11</sup>, a quem haviam sido oferecidos alguns objectos aí recolhidos, aos quais, porém, não deu grande importância. A sua identificação formal foi feita por Hipólito Cabaço, que aí efectuou algumas sondagens de amplitude muito reduzida no topo do montículo central, bem como na zona envolvente<sup>12</sup>, utilizando o método então muito em voga da vala, ou trincheira, com cerca de 1 metro de largura, tendo atingido uma extensão total de cerca de 80 metros. Este sítio arqueológico apresentava-se então ao visitante como um montí-



Afonso do Paço e Maria de Lurdes Arthur, observando os sedimentos provenientes das escavações de 1952.

Foto: Museu Municipal da Azambuja



Campanha de 1952.

Crivagem das terras. Note-se a caixa de madeira com divisórias para os diferentes tipos de artefactos.

Foto: Museu Municipal da Azambuja

culo artificial, constituído por terra e blocos de pedra, com cerca de 50 metros de diâmetro e 4 metros de altura em relação ao terreno circundante, em parte rodeado por um anel mais baixo, que se verificaria mais tarde corresponder à muralha intermédia.

As escavações sistemáticas foram iniciadas em 1937, sob a direcção do Padre Eugénio Jalhay e do então Tenente Afonso do Paço, membros activos da AAP. Durante as duas primeiras campanhas, e nas que se seguiram anualmente, até 1943, a estratégia parece ter sido "atacar" o anel com cerca de 20 metros de largura que envolvia o montículo central, o qual foi dividido para o efeito em sucessivos sectores, de dimensão variável em função da verba e da mão-de-obra disponível, a qual era essencialmente constituída por trabalhadores rurais locais desempregados, ocupando-se os homens da desmontagem e transporte das terras, e as mulheres da sua crivagem, para a recolha dos artefactos mais pequenos.

Em 1937 e 1938 (1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> campanhas)<sup>13</sup> é referida a existência de uma forte muralha central e vestígios de uma outra cintura de muralha rodeando a anterior<sup>14</sup>. Foram também notadas pedras dispostas em círculo, identificadas como "fundos de cabana"<sup>15</sup>. Recolheu-se abundante espólio, incluindo praticamente todas as grandes classes de artefactos que viriam a ser encontradas nas campanhas subsequentes<sup>16</sup>. Para se ter uma ideia da abundância do espólio recolhido, refira-se o achado de cerca de 500 pontas de seta inteiras e outras tantas partidas<sup>17</sup>, de pelo menos 23 das 220 placas de barro com decoração que se conhecem, do ídolo feminino com o triângulo púbico (cat. n.º 1124) e ainda a maior parte dos objectos de metal que se encontram expostos no MAC (cerca de 61), incluindo cinco machados planos, pontas de Palmela, e um cutelo de bronze, com cabo de osso (cat. n.º 1185)<sup>18</sup>.

Em 1939, 1940 e 1941 (3.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> campanhas)<sup>19</sup>, surgem as primeiras referências à metodologia de escavações adoptada<sup>20</sup>, avoluma-se o achado de novas estruturas, confirma-se a existência de uma muralha que envolvia, pelo menos em parte, o núcleo central<sup>21</sup>, são descobertos lajeados ou empedrados que sugerem a existência de "arruamentos", cavidades abertas artificialmente no terreno que são interpretadas como "silos", restos de construções rectangulares, mais "fundos de cabana", identificados pelos "cinzeiros" rodeados de pedras, e afirma-se que alguns dos "fundos de cabana" se encontram sobrepostos a outros. Entre os achados mais espectaculares destaca-se em 1939 o vaso de grandes dimensões, associado a um ritual de fundação<sup>22</sup>, que será analisado em pormenor mais adiante (cat. n.º 263).

Surgem também as primeiras referências à existência de duas grandes fases de ocupação, a mais antiga caracterizada pela abundância de utensílios de pedra polida e de cerâmica sem decoração e a mais recente caracterizada pela abundância de objectos de cobre e de cerâmica decorada<sup>23</sup>.

Continua a aparecer abundante espólio, destacando-se em 1941 o achado de uma figura antropomórfica, em osso, com os braços cruzados sobre o peito (cat. n.º 1128), e surge a primeira referência ao achado de sementes carbonizadas amontoadas no fundo dos "cinzeiros"<sup>24</sup>.

Em 1942 (6.<sup>a</sup> campanha)<sup>25</sup> continuam a encontrar-se mais "fundos de cabana" e "cinzeiros", e começa a delimitar-se a muralha interior, na qual é feito um primeiro reconhecimento (Fig. 2)<sup>26</sup>.

<sup>13</sup> Eduardo JALHAY e Afonso do PAÇO, "A póvoa eneolítica de Vila Nova de São Pedro - Notas sobre a 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> campanha de escavações" (1939), *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço (1929-1968)*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, vol. I, 1970, pp. 229-275.

<sup>14</sup> "O núcleo central, compreendido mais ou menos dentro das curvas de nível de maior amplitude, é constituído por um amontoado de cascalhos e arbustos, e apresenta indícios de uma forte muralha de pedras toscas que o defendia... Tudo se encontra remexido e destruído, quer pelo arado, quer pelo rodar dos séculos. Todavia em redor... notámos, na parte já explorada, vestígios de nova muralha, presumindo o Prof. Mendes Corêa, quando visitou o local, que uma outra cintura deve existir para além desta" (*Ibidem*, p. 234).

<sup>15</sup> Na planta da área escavada estão assinalados cinco desses "fundos de cabana" (*Ibidem*, fig. 3).

<sup>16</sup> "...aparece uma infinidade de pontas de seta, faixas de sílex e cristal de rocha, raspadores, percutores, mós, discos, machados de pedra, cilindros de calcário, contos, objectos de osso e cobre, placas de barro, cerâmica de mui variadas dimensões, sementes, ossos de animais, etc..." (*Ibidem* pp. 234-235).

<sup>17</sup> *Ibidem* pp. 238-239.

<sup>18</sup> O achado de tão abundante e variado espólio em apenas seis semanas de escavações, não só re-

flecte a enorme riqueza deste sítio arqueológico, mas também a metodologia de escavação em grande escala adoptada. Com efeito, uma observação da planta da área escavada nessas duas primeiras campanhas permite verificar que foi escavada cerca de 1/4 da área envolvente da muralha interior, a sudoeste da mesma. A abundância de objectos de metal, quer de tipologia calcolítica, quer também de tipos atribuíveis à Idade do Bronze Final, na área envolvente da muralha interior, em que abundam os vestígios de habitações, por vezes sobrepostas, indicam que, tal como se viria a verificar no Zambujal, trinta anos mais tarde, a metalurgia era uma actividade doméstica: "Provam-no os cadinhos encontrados, alguns deles ainda com incrustações de metal derretido, e as escórias recolhidas em vários fundos de cabana" (*Ibidem*, p. 260).

<sup>19</sup> Eduardo JALHAY e Afonso do PAÇO, "A póvoa eneolítica de Vila Nova de São Pedro. Notas sobre a 3.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> campanhas de escavações - 1939, 1940 e 1941" (1942), *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, vol. I, pp. 275-306.

<sup>20</sup> Foram escavados cerca de 550 m<sup>2</sup> em 1939, em apenas quatro semanas, e 216 m<sup>2</sup> em 1940, em apenas duas semanas, abrindo-se para isso "trincheiras paralelas desde o primeiro muro exterior até mais ou menos o morro central, numa extensão de 22 metros de comprimento por 14 de largura, em média" (*Ibidem*, p. 278).

<sup>21</sup> “Em torno do recinto já escavado aparece, sobretudo dos lados Oeste e Sudoeste um muro de pedra, como que a limitar a parte de terreno propriamente habitada... Tivemos já em 1940, a boa sorte de a descobrir, mas só em 1941 é que pudemos identificar mais os seus vestígios. Alinha-se ela a Oeste do castro, numa extensão de 72 metros, à distância duns 26 do primeiro muro levantado junto às habitações... A sua largura chega a atingir 1,40 m. Era portanto um verdadeiro muro de defesa. Do lado oposto, a Este, separado uns 60 m da zona já escavada, descobriram-se restos de outro muro, na extensão duns 40 m. Será a continuação do que se levanta a ocidente? Talvez, mas até hoje não nos foi possível encontrar qualquer união entre os dois, tanto ao Norte como ao Sul do castro. É que nem sempre fechavam completamente, limitando-se apenas aos lados mais vulneráveis do recinto habitado” (*Ibidem*, pp. 280-281).

<sup>22</sup> Afonso do PAÇO, “Uma vasilha de barro, de grandes dimensões, do ‘castro’ de Vila Nova de São Pedro” (1943), *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, vol. 2, pp. 132-143.

<sup>23</sup> “...embora não estejamos diante de uma estratigrafia rigorosa, verificamos muito frequentemente, sobretudo nas escavações de 1941, que os objectos de cobre e a cerâmica decorada se encontravam quase sempre nas primeiras camadas, predominando nas últimas os machados de pedra polida e a cerâmica grosseira sem ornatos”. (*Ibidem*, p. 281).

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 297.

<sup>25</sup> Eugénio JALHAY e Afonso do PAÇO, “A povoação eneolítica de Vila Nova de São Pedro – Escavações de 1942” (1943), *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, vol. 1, 1970, pp. 307-330.

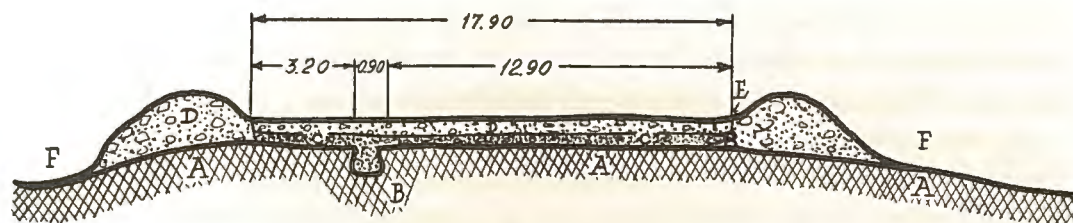
<sup>26</sup> Este reconhecimento, ainda que de âmbito limitado, permitiu identificar um pano de muralha com 2,7 metros de altura, e pelo menos 2,8 metros de espessura, e estimar em 50 metros o diâmetro máximo da muralha interior, incluindo o talude de desmoronamento, o que não está muito longe da realidade. (*Ibidem*, pp. 309-313).

<sup>27</sup> Este notável investigador viria a ser, até aos anos 80, o único especialista português nesta matéria.

<sup>28</sup> Este famoso pré-histórico refugiou-se em Portugal durante a 2.ª Guerra Mundial, tendo realizado um primeiro levantamento das jazidas paleolíticas do litoral português, em colaboração com Georges Zbyszewski. A sua listagem da fauna é, porém, meramente indicativa, não tendo qualquer base estatística. De acordo com a mesma, as espécies mais relevantes seriam o veado e o javali, considerados como “muito abundantes, seguidos do cavalo (abundante), e do boi (relativamente abundante)”. Porém, se compararmos estas indicações com estudos mais pormenorizados, realizados posteriormente, sobre a fauna encontrada noutros contextos comparáveis, parece ter havido uma clara sobreestimação das

Fig. 2. Corte estratigráfico simplificado da muralha interior, após um “reconhecimento” realizado em 1943, segundo Afonso do PAÇO, 1947:

“A-Tufo calcário; B-Silo; C-Camada de terra com cinzas, contendo abundante espólio; D-Camada de pedras e terra, cobrindo a camada anterior e contorno do morro; E-Paredida a N. da trincheira; F-Zona povoada contornando o morro central.”



A abundância de espólio e a sua semelhança com o das anteriores campanhas leva os autores a descreverem-no de forma muito sumária, dando maior importância ao aparecimento das sementes, e ao seu estudo, incluindo, pela primeira vez, uma nota técnica da autoria do Eng.º António Pinto da Silva, precursor, entre nós, dos estudos paleobotânicos<sup>27</sup>, bem como uma listagem sumária dos ossos de mamíferos, da autoria do Prof. Henri Breuil<sup>28</sup>.

Na segunda fase dos trabalhos, a partir de 1943<sup>29</sup>, o montículo central foi “atacado” através de uma trincheira mais ampla do que o habitual, com cerca de 4 metros de largura e 60 metros de comprimento, que o atravessou de lado a lado, no sentido norte-sul, proporcionando o primeiro corte estratigráfico, ainda que registado de forma muito sumária. Foi assim possível detectar, pela primeira vez, a existência de uma muralha bem definida, e de dois estratos principais de ocupação, de espessura idêntica. O estrato inferior foi descrito como uma “camada de terra com cinzas e abundante espólio”, e o superior como uma “camada de pedras e terra cobrindo a camada anterior e contorno do morro”<sup>30</sup>.

Em 1944 começou a desmontagem do montículo central, pelo seu quadrante noroeste, a partir da trincheira aberta no ano anterior. Surgem as primeiras referências ao achado *in situ* dos chamados “fogareiros de barro”, ou “pés de fogareiros”<sup>31</sup>. Porém, o achado mais importante foi o do “poço-cisterna”, escavado no substrato rochoso, até à profundidade de 3,8 metros<sup>32</sup> a que nos referiremos mais adiante.

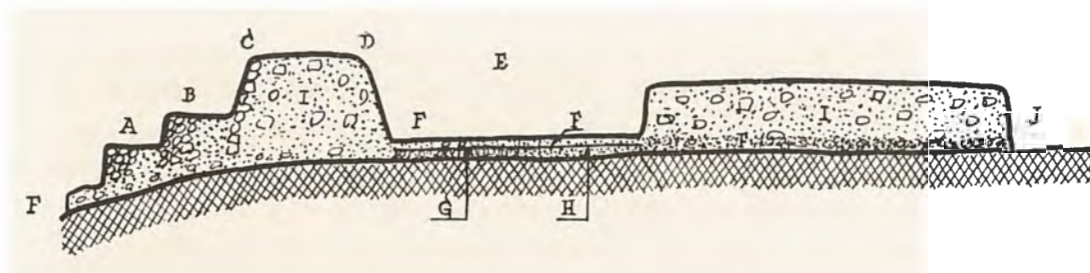
O resultado mais relevante da campanha de 1945 foi o achado de “um punhado de pequenas sementes incarbonizadas”, que mais tarde viriam a ser identificadas pelo Eng.º Agrónomo A.R. Pinto da Silva como sendo de linho (*Linum humile* Mill. ou *L. usitatissimum* L.), bem como o achado de “cinzeiros” com “muita cerâmica partida e mesmo sementes”, que foram considerados como “vestígios dos primeiros habitantes” do local<sup>33</sup>.

Em 1946 escavaram-se áreas relativamente reduzidas, quer dentro quer fora da parte sudoeste da muralha interior, e foi efectuado um primeiro corte transversal, de que resultou o reconhecimento da existência de dois muros de suporte exterior desta, e a primeira tentativa de relacionamento entre as estruturas defensivas e os diferentes estratos de ocupação, representada, de forma esquemática, mas elucidativa, na fig. 3<sup>34</sup>. Nesta está representada uma muralha bastante espessa, que assentaria directamente sobre o substrato rochoso, e foi reforçada por dois panos de muro, em cotas mais baixas, seguindo a inclinação natural do terreno, referidos como “espécie de muros de suporte”<sup>35</sup>. Quanto ao interior da muralha, é apresentado como tendo uma espessa camada superior (I), constituída por “terras e pedras sem espólio, junto da mura-



Fig. 3. Reconhecimento de muralhas na campanha de 1946, segundo Afonso do PAÇO, 1947:

"A e B-Espécie de muros de suporte; C-Fragmento de muralha exterior; E-Golpe aberto para tentar reconhecer a muralha interior; F-Camada de terras e cinzas com espólio; G-Camada de barros vermelhos; H-Camada de areias vermelhas; I-Terras e pedras sem espólio, junto da muralha e no interior do morro; J-Escavação de 1944."



lha e no interior do morro", sob a qual existia uma "camada de terras e cinzas com espólio (F), a qual por sua vez assentava sobre uma "camada de barros vermelhos" (G), junto à muralha, e sobre uma "camada de areias vermelhas" (H), mais para o interior do morro.

A noção de que a esta sequência estratigráfica teria correspondido uma sucessão de populações, numa perspectiva catastrófica, começa a surgir com grande força<sup>36</sup>. Porém, não deixa de ser interessante verificar que a essa "sucessão" de populações não teria correspondido qualquer mudança na sua cultura material<sup>37</sup>.

A campanha de 1947<sup>38</sup>, da responsabilidade quase exclusiva de Jalhay, devido às obrigações profissionais de Paço, foi uma das mais intensas, nela tendo participado 29 trabalhadores locais. Foi escavada uma área estimada em cerca de 500 m<sup>2</sup>, e removidos cerca de 750 m<sup>3</sup> de depósitos, em apenas três semanas. Apesar de ter sido realizada no sector mais importante, dentro da muralha interior, de terem sido removidos mais de metade dos depósitos que preenchiam o seu interior, e de se ter encontrado uma enorme quantidade de artefactos, sementes, ossos de animais e estruturas defensivas e habitacionais, o relatório publicado é muito sumário, não fornecendo informações claras sobre o contexto dos achados mais importantes, apesar de, tal como nas campanhas anteriores, já haver plena consciência da existência de vários estratos de ocupação<sup>39</sup>. Nesta campanha encontrou-se, também, uma grande quantidade de fragmentos de cerâmica campaniforme, embora sem contexto estratigráfico bem definido<sup>40</sup>. Os achados mais importantes foram, porém, as sementes de gramíneas, que levaram um dos escavadores, Eduardo Jalhay, a pensar que "o morro central era um enorme celeiro mais ou menos guardado por muralhas"<sup>41</sup>. O achado de tão grandes quantidades de sementes, associadas a uma camada de "cinzas, carvão e pedras estaladas", é explicado, mais uma vez, por Jalhay, em termos catastróficos, vindo reforçar a hipótese, já anteriormente formulada, da existência de "pelo menos duas povoações, uma sobre as cinzas da outra"<sup>42</sup>.

As campanhas de 1948, 1949 e 1950 foram um pouco menos intensas, caracterizando-se os seus relatórios pelo aparecimento das primeiras sequências estratigráficas e por indicações contextuais mais precisas. No entanto, era já demasiado tarde, pois haviam sido irremediavelmente perdidos dados da maior importância para a compreensão de um sítio arqueológico de tão grande riqueza e complexidade.

Em 1948 começa a definir-se no sector nordeste do "miolo" da muralha interior a existência de uma sequência estratigráfica consistente, com uma potência variável entre cerca de 2 metros e 2,5 metros, constituída basicamente por duas camadas de "cinzas", com muito espó-

espécies não domésticas, em detrimento dos ovicaprínos e dos suínos domésticos.

<sup>29</sup> Afonso do PAÇO, "Castro de Vila Nova de São Pedro. VI - Campanhas arqueológicas de 1943 a 1950 (n.º 7 a n.º 14)", *Arqueologia e História*, 8.ª série, 3, Lisboa, 1947, pp. 29-80.

<sup>30</sup> *Ibidem*, fig. 3.

<sup>31</sup> Estas peças, características dos níveis inferiores de ocupação, e consideradas por alguns autores como "ídolos de cornos", são descritas como "uns objectos cónicos de barro vermelho, pouco consistente, que aparecem, as mais das vezes, de permeio com as cinzas" e surgem associadas a "cinzeiros" e a ossos calcinados (*Ibidem*, p. 40).

<sup>32</sup> *Ibidem*, pp. 41-42, e fig. 4. Este "poço-cisterna" é descrito como "um local interessantíssimo, cheio de mistério".

<sup>33</sup> Estes "cinzeiros", porém, só viriam a ser interpretados como correspondendo aos vestígios dos primeiros habitantes, em 1952, quando teve o seu início a colaboração entre Afonso do Paço e M.ª de Lurdes Arthur, e se identificaram "restos de uma camada estratigráfica assentando directamente sobre a cré ou calcário natural". Um desses "cinzeiros" é descrito como "dos maiores encontrados até aqui... Tem sítios onde as cinzas se apanham às mãos cheias. A camada de carvão e cinzas chega a ter nalguns sítios quase meio metro de espessura" (*Ibidem*, p. 46). Pena é

que este sítio tivesse sido escavado antes do advento do radiocarbono e da antracologia, o que teria permitido não só a sua datação cronométrica, como também importantes elementos para a reconstituição do coberto vegetal da área envolvente.

<sup>34</sup> *Ibidem*, pp. 47-54, e fig. 5.

<sup>35</sup> Tendo em conta que o lado sul é o de mais difícil acesso, por a fortificação se encontrar nesse local mais próxima do rebordo do esporão em que se implanta, a função dos muros exteriores seria mais estrutural do que defensiva, servindo de contrafortes à muralha interior.

<sup>36</sup> "Fica-se com a impressão de que os habitantes fugiram precipitadamente e que os novos ocupantes devastaram a povoação, incendiando... Continuamos a avançar para o morro. Cada vez dá mais a sensação de terem existido pelo menos duas povoações, tendo sido incendiada a primeira, e edificada sobre ela a segunda" (*Ibidem*, p. 49).

<sup>37</sup> "Há um estrato de barro queimado por debaixo dos muros toscos que aparecem. Parece que a segunda povoação durou menos tempo que a primeira, sensivelmente da mesma cultura. Começa a ver-se uma certa homogeneidade de cultura neste castro. Embora haja sucessão de povoações, não parece que o tenha havido de culturas. Um ataque inimigo, vindo por exemplo de Pragança, ou de outro castro, que desse como resultado a derrota do de Vila Nova se-

guida de incêndio posto, explicaria as camadas que se vêem” (*Ibidem*, p. 49).

<sup>38</sup> *Ibidem*, pp. 54-61.

<sup>39</sup> Com efeito, apesar de se afirmar que “continua, pois a divisar-se a camada inferior de cinzas e terras queimadas, seguida de outra de pedras e argamassa, ficando por cima a terra vegetal com pedras”, afirma-se logo a seguir que: “Entre o espólio dos primeiros dias, constituido por muitas dezenas de pontas de seta e faquinhas, botões de osso, um cilindro de calcário com tatuagem, um escopro metálico, etc., não deixou de aparecer um micrólito trapezoidal e muitos fragmentos de vaso campaniforme, sem que para o todo se possa atribuir um nível definido” (*Ibidem*, p. 54). As únicas associações mais ou menos claras entre artefactos são o achado de um vaso campaniforme associado a um cadinho de pedra (*Ibidem*, p. 56), embora, de um modo geral, se possa fazer uma associação entre parte do espólio encontrado nesta campanha e o achado de sementes. É o caso das “caixinhas de osso queimado, botões de tartaruga e tantas setas, que já não havia lugar para as pôr nas caixinhas de fósforos que existiam em cada crivo.” (*Ibidem*, p. 57). Também “uma placa de barro com um símbolo feminino, um machado espectralizado de cobre tendo aderente outro de xisto, três tigelinhas pequenas junto do ‘celeiro’, etc.” (*Ibidem*, p. 57).

<sup>40</sup> “O ritmo de objectos (...no dia 12 de Julho...) foi bastante menor, predominando o campaniforme, em nível que não

pudemos fixar... Este vaso parece ser uma característica dominante desta campanha” (*Ibidem*, p. 58).

<sup>41</sup> “Hoje continuaram a aparecer milhares de sementes, que no dizer de todos são de trigo!! Magnífico achado. Tínhamos já bolota, fava, linho, e agora aparece o trigo” (*Ibidem*, p. 56). A identificação destas sementes foi feita pelo Eng.º A.R. Pinto da Silva, que confirmou tratar-se de trigo, provavelmente *Triticum compactum* var. *globiforme*, ou *Triticum sphaerococcum* (*Ibidem*, pp. 59-61).

<sup>42</sup> “Mais uma vez me persuado que os habitantes do castelo foram vítimas dum ataque de povos vizinhos, da mesma cultura... Cinzas, carvão, e pedras estaladas, tudo indica um fogo terrível. É nessa camada que se encontraram... verdadeiros montões de sementes.” (IDEM, *ibidem*, p. 56).

<sup>43</sup> *Ibidem*, pp. 61-68.

<sup>44</sup> O caderno de campo do dia 15 de Julho refere que: “Até às seis da tarde somavam já 171 setas, entre inteiras e partidas... As setas encontravam-se aos ninhos de 7, 10 e até 12, todas juntas... À noite recolhi 269 setas” (*Ibidem*, p. 64). Aparentemente os “ninhos” de pontas de seta poderiam ter correspondido a diferentes “arcaszes”, pelo que teria sido interessante verificar a existência de semelhanças ou diferenças tipológicas entre esses conjuntos, susceptíveis de ter algum significado cronológico ou funcional.

lio, as quais devem ter correspondido às duas fases principais de ocupação, separadas por duas camadas de “argamassa e pedras”, que devem corresponder a períodos de destruição e abandono<sup>43</sup>. O espólio do “cinzeiro superior”, que tem uma espessura de cerca de 0,30 metros, é muito abundante e variado, incluindo, além de numerosos utensílios de pedra, osso e cerâmica, centenas de pontas de seta, muitas das quais se encontravam agrupadas<sup>44</sup>. Estas são muito abundantes em ambos os níveis principais de ocupação, mas sobretudo nos níveis superiores<sup>45</sup>. Porém, esta abordagem, que tinha por objectivo “o reconhecimento exterior da muralha”, na parte meridional, após o achado, quase à superfície de um conjunto de materiais argáricos, depressa foi abandonada<sup>46</sup>. Um dos resultados mais importantes desta campanha parece, assim, ter sido verificar que a presença de materiais argáricos correspondia não a uma fase final de ocupação da fortificação, mas a uma reocupação esporádica da mesma, após um longo período de abandono. No que respeita ao interior da muralha, o prosseguimento das escavações permitiu, nesse ano, mais algumas observações, nem sempre muito claras, sobre o contexto estratigráfico do espólio encontrado<sup>47</sup>.

Em 1950 teve lugar a derradeira campanha de Jalhay, cujo estado de saúde já se encontrava muito abalado nas últimas campanhas. No dizer de Paço, ter-se-á procurado “agarrar pelos cabelos uns restos de estratigrafia que nos possam dar ténue luz na noite escura da vida e evolução deste castro”<sup>48</sup>.

Embora os padrões de escavação desta primeira fase dos trabalhos, que decorreu entre 1937 e 1950, se afigurem hoje extremamente baixos, devido à inexistência no terreno de pessoal técnico qualificado, de registo tridimensional dos achados, de cortes estratigráficos pormenorizados, etc., o certo é que os trabalhos realizados foram acompanhados com o maior interesse pela comunidade arqueológica, tendo recebido os maiores elogios por parte dos mais destacados arqueólogos portugueses e estrangeiros desse tempo, os quais ocupam várias páginas do relatório das escavações realizadas entre 1939 e 1941<sup>49</sup>. Em 1954 esses elogios foram reafirmados pelo Prof. Santa Olalla, no Congresso Internacional de Ciências Pré e Proto-Históricas que teve lugar em Madrid, em nome da respectiva secção<sup>50</sup>.

Devido ao falecimento de E. Jalhay, em 1950, Paço assumiu sozinho a

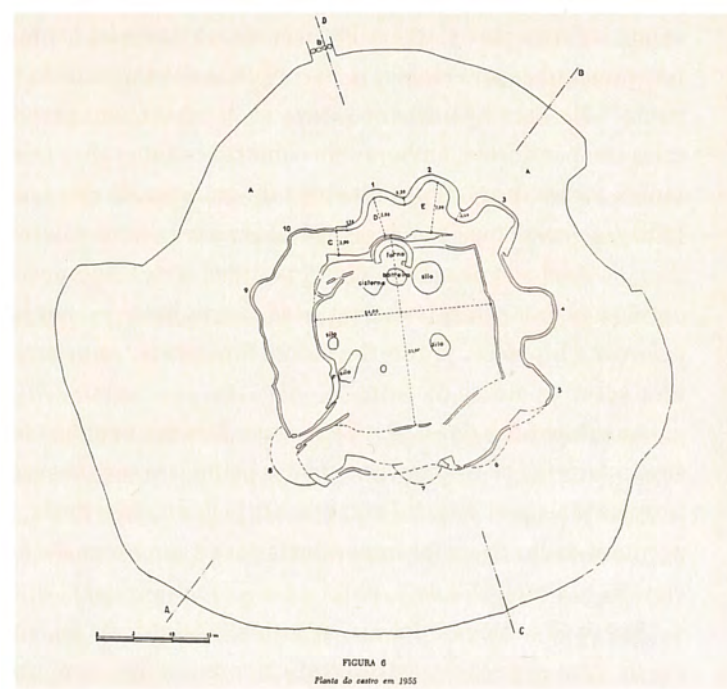
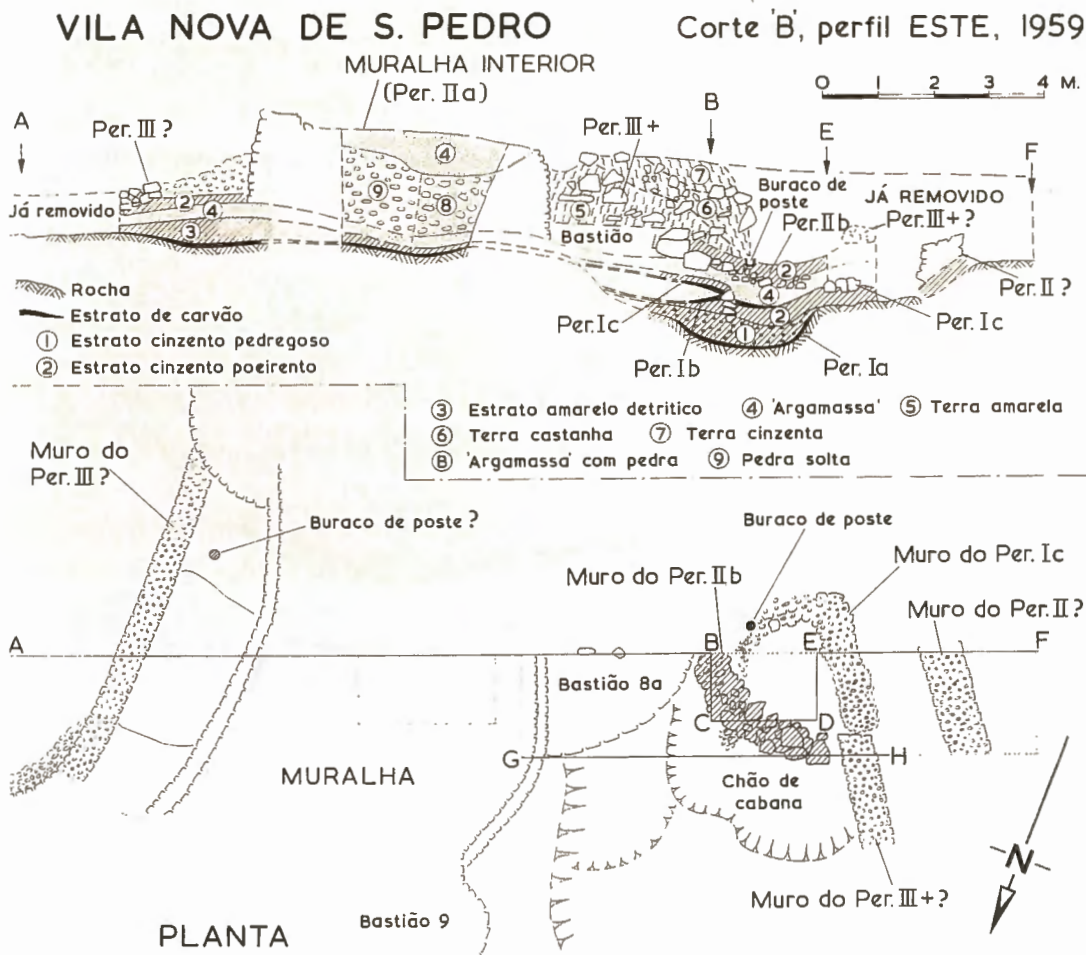


Fig. 4. Planta da muralha interior e da zona envolvente, segundo PAÇO e SANGMEISTER, 1956.



Fig. 5. Corte estratigráfico realizado em 1959, na muralha interior, e planta com estruturas encontradas, segundo H.N. SAVORY, 1970.



direcção dos trabalhos, que compartilhou ocasionalmente com outros arqueólogos, como Maria de Lurdes Costa Arthur, em 1951<sup>51</sup>, com quem iniciou a publicação de uma série de estudos temáticos, numerada sequencialmente, sobre os mais importantes conjuntos de artefactos até então encontrados<sup>52</sup>. Dessa colaboração resultou uma melhoria considerável na qualidade dos relatórios publicados. Com efeito, as observações estratigráficas bastante vagas das campanhas anteriores tornaram-se mais precisas e enquadradas cronológica e culturalmente. Surge também a primeira tentativa de representação da planta da fortificação, bem como as primeiras fotografias com alguma qualidade.

Após algumas campanhas de escavações em colaboração com aquela arqueóloga, cujos relatórios só viriam a ser publicados como "apêndice" da 20.<sup>a</sup> campanha<sup>53</sup>, Afonso do Paço aceitou a colaboração do Prof. Edward Sangmeister, da Universidade de Freiburg (Alemanha), em 1955. No decurso dessa campanha foi elaborada a primeira planta rigorosa da muralha interior, entre- tanto posta a descoberto na totalidade<sup>54</sup>.

<sup>45</sup> O relato referente ao dia 16 é igualmente significativo: "Ao todo, neste dia, recolheram-se 317 setas, entre inteiras e partidas. Nota-se aqui, que a camada superior de estratos é mais rica em setas que a inferior, correspondendo esta aos primeiros habitantes" (*Ibidem*, p. 65). Mais uma vez, a não separação das pontas de seta por contextos, não permite verificar a eventual existência de alguma diferenciação tipológica e funcional entre as mesmas.

<sup>46</sup> "Limpou-se de início a capa superior ali acumulada desde os primeiros trabalhos de Cabaço e que tinha a espessura de 0,2 metros, ficando-lhe por baixo outros 0,2 metros de terras negras com pedras. A seguir havia uma boa espessura de argamassa e pedras que a charrua tinha poupado. Logo ao cima desta, ao recolher-se a primeira capa para os crivos, encontrou-se um conjunto curioso constituído por um belo machado argárico, um escopro e uma cavilha, tudo metálico... Veio a cair-se sobre uma zona de argamassa e pedras, o que levou Jalhay mais tarde a abandonar o local e escolher outro" (*Ibidem*, pp. 68-69).

<sup>47</sup> É interessante notar a reacção de desânimo ao achado de cerâmica campaniforme, aparentemente no "cinzeiro inferior": "Um castelo que vinhamos como que arquitetando, ruíu por completo" (*Ibidem*, p. 74). Porém, os trabalhos subsequentes, vieram confirmar a ocorrência da cerâmica campaniforme quase exclusivamente nas camadas superiores, sendo esta

aparente excepção de carácter intrusivo devida à escavação de um silo.

<sup>48</sup> *Ibidem*, pp. 79-80.

<sup>49</sup> Eugénio JALHAY e Afonso do PAÇO, "A povoação eneolítica de Vila Nova de São Pedro. Notas sobre a 3.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> campanhas de escavações - 1939, 1940 e 1941" (1942), pp. 303-305. Os autores ofereceram a separata do relatório das duas primeiras campanhas, bastante desenvolvido, aos mais ilustres arqueólogos do seu tempo, e citam, neste segundo relatório, uma série de breves referências elogiosas, entre as quais se destacam as de H.N. Savory, Jean Bouyssonie, J.M. Santa Olalla, Luís Pericot, Conde Vega del Sella, além das de Mendes Corrêa, Santos Júnior, Manuel Heleno e Mário Cardoso.

<sup>50</sup> Afonso do PAÇO e Edward SANGMEISTER, "Castro de Vila Nova de São Pedro VIII - Campanha de escavações de 1955 (19.<sup>a</sup>)", *Arqueologia e História*, 8.<sup>a</sup> série, 7, Lisboa, 1956, p. 97.

<sup>51</sup> Afonso do PAÇO e Maria de Lurdes Costa ARTHUR, "Castro de Vila Nova de São Pedro I - 15.<sup>a</sup> campanha de escavações", *Brótério*, 54 (3), Lisboa, 1952, pp. 289-309.

<sup>52</sup> Afonso do PAÇO e Maria de Lurdes Costa ARTHUR, "Castro de Vila Nova de São Pedro II - Alguns objectos metálicos", *Zephyrus* 3, Salamanca 1952; Afonso do PAÇO e Maria de Lurdes Costa ARTHUR, "Castro de Vila Nova de São Pedro III - Perfis de bordos não ornamentados",

O Instituto, 115, Coimbra, 1953, pp. 399-412; Afonso do PAÇO e Maria de Lurdes Costa ARTHUR, "Castro de Vila Nova de São Pedro IV - Sementes pré-históricas de linho", *Arquivo de Pre-história Levantina*, 4, Valência 1953, pp. 151-157; Afonso do PAÇO e Maria de Lurdes Costa ARTHUR, "Castro de Vila Nova de São Pedro. Le problème de la métallurgie", *Congresos Internacionales de Ciencias Prehistoricas y Protohistoricas*, 4.º, Zaragoza, 1955, pp. 235-240.

<sup>53</sup> Afonso do PAÇO, "Castro de Vila Nova de São Pedro. X - Campanha de escavações de 1956 (20.º). (Aditamento: Campanhas de escavações de 1952, 1953 e 1954 - 16.º, 17.º e 18.º)", *Anais da Academia Portuguesa de História*, 2.ª série, 8, Lisboa, 1958, pp. 41-91.

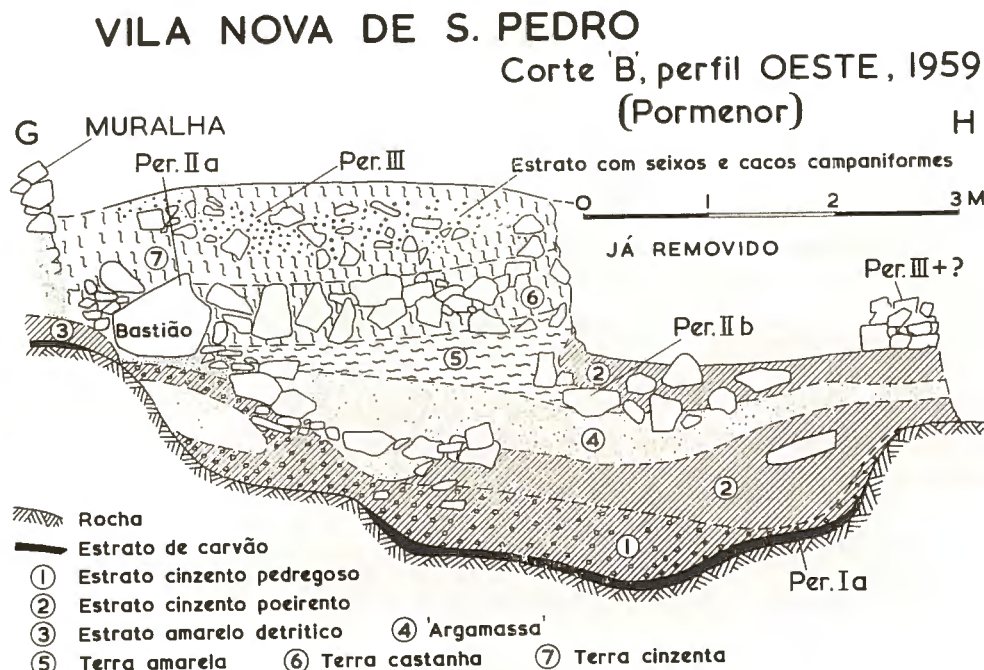
<sup>54</sup> Afonso do PAÇO e Edward SANGMEISTER, "Vila Nova de São Pedro, eine befestigte Siedlung der Kupferzeit in Portugal", *Germania*, 34 (3-4), Berlin, 1956, pp. 211-230; Afonso do PAÇO, "Castro de Vila Nova de São Pedro VIII - Campanha de escavações de 1955 (19.º)", 8.ª série, 7, Lisboa, 1956, pp. 93-114.

<sup>55</sup> Eugénio JALHAY e Afonso do PAÇO, "A povoação eneolítica de Vila Nova de São Pedro. Notas sobre a 3.ª, 4.ª e 5.ª campanhas de escavações - 1939, 1940 e 1941" (1942), pp. 280-281.

<sup>56</sup> Afonso do PAÇO, "Escavações e problemas do castro de Vila Nova de São Pedro e da citânia de Sanfins", *Congresso Nacional de Arqueologia*, 1.º, vol. I, Lisboa, 1959, p. 262.

<sup>57</sup> H.N. SAVORY, "A Section through the innermost rampart at the chalcolithic castro of Vila Nova de São Pedro, Santarém (1959)", *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, vol. I, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1970, pp. 133-148.

Fig. 6. Pormenor do corte realizado em 1959, mostrando a sequência estratigráfica encontrada no exterior da muralha interior, segundo H.N. SAVORY, 1970.



A campanha de 1955 teve de facto uma enorme importância para o conhecimento da muralha interior, mas deixou muitas questões em aberto, sobretudo em relação às restantes linhas defensivas, detectadas por Mendes Corrêa em 1937, e em parte reconhecidas em 1940 e 1941<sup>55</sup>. O seu estudo constituiu o principal objectivo das escavações de 1957 e 1958, mas os resultados obtidos nunca chegaram a ser publicados em pormenor. No entanto, em 1958 Afonso do Paço informou que nessas campanhas começara a distinguir um segundo sistema de muralhas, em muito pior estado de conservação do que a muralha interior, mas igualmente dotado de bastiões semicirculares<sup>56</sup>.

A campanha de 1959 viria a revelar-se de importância decisiva para o conhecimento das várias fases de ocupação, construção e reconstrução desta fortificação, devido à realização do primeiro corte estratigráfico pormenorizado, perpendicular à muralha interior, pelo arqueólogo galês Hubert N. Savory, o qual revelou uma sequência de muito maior complexidade do que a sugerida pelas observações sumárias efectuadas em 1951<sup>57</sup>. Publicada mais de dez anos após a sua realização, a campanha de 1959 parece ter sido a última das 27 campanhas realizadas em VNSP a ser publicada. Com efeito, Afonso do Paço afirma em 1964, que efectuara 27 campanhas de escavações (sem contar com a que Hipólito Cabaço realizara em 1936), 14 dirigidas em colaboração com Eduardo Jalhay e 13 sozinho ou com outros investigadores, o que sugere que as escavações terão prosseguido anualmente até 1963, havendo mesmo a possibilidade de ter sido realizada uma última campanha em 1964, que teria sido a 28.ª. Parece, assim, que pelo menos seis campanhas terão ficado inéditas, desconhecendo-se em que zonas incidiram, e quais os



resultados obtidos. Afigura-se, no entanto, provável que estas últimas campanhas tenham incidido na zona entre a muralha intermédia e a muralha exterior, pois toda a área restante já havia sido quase totalmente escavada.

Após um longo interregno, que se seguiu à morte de Afonso do Paço, foi realizada em 1983 uma campanha de restauro e consolidação da fortificação central<sup>58</sup>. As escavações foram retomadas em 1985 e 1986 por Victor S. Gonçalves, que aí realizou duas campanhas de escavações, com o objectivo de reconhecer a área entre a segunda e a terceira linhas de muralhas, a oeste da muralha interior, as quais, porém, permanecem praticamente inéditas<sup>59</sup>.

## 4. Muralhas, bastiões, habitações e algumas confusões...

Embora não haja ainda datas de radiocarbono para este importante sítio arqueológico, apesar da abundância de matéria orgânica carbonizada encontrada nas numerosas campanhas de escavações, por analogia com outros povoados neolíticos e calcolíticos do litoral estremenho, cujas datas de radiocarbono foram calibradas, sistematizadas e analisadas estatisticamente<sup>60</sup>, a ocupação do local parece remontar ao final do Neolítico, entre c. 3500 e 3000 a.C., tendo-se prolongado durante todo o Calcolítico, ao longo do III milénio, mas sobretudo entre c. 3000 e 2500 a.C., período em que foram construídas e reforçadas as estruturas defensivas, embora também se tenham encontrado vestígios de reocupação durante a Idade do Bronze final (c. 1000 a 700 a.C.).

### Estruturas defensivas

A muralha interior só foi completamente delimitada durante a 19.<sup>a</sup> campanha de escavações, mas é de tal modo proeminente que já havia sido detectada logo no início dos trabalhos. Com efeito, o montículo central foi de início descrito como "um amontoado de cascalhos e arbustos, e apresenta indícios de uma forte muralha de pedras toscas que o defendia"<sup>61</sup>. O primeiro corte escavado até à rocha em 1943 parecia indicar que, pelo menos naquele sector, a muralha havia sido construída directamente sobre o tufo calcário que constitui a rocha-mãe, estimando-se a sua altura em cerca de 4 metros<sup>62</sup>. Porém, o corte estratigráfico efectuado por Savory em 1959 mostra claramente que, pelo menos naquele sector, a muralha assentava numa camada de "argamassa" muito rija, feita com uma mistura de argila e calcário moído, que, por sua vez, assentava sobre um nível de ocupação, na base do qual havia uma camada contínua de carvão<sup>63</sup>. Levantou-se, assim, a questão da existência de um nível de ocupação anterior à construção da muralha interior. Esta, de acordo com H.N. Savory, dataria do início do Calcolítico, o que permite julgar que esse estrato tenha sido o resultado da própria actividade dos primeiros grupos humanos que procederam ao desbravamento, pela acção do fogo, do local destinado à muralha e à sua

<sup>58</sup> Humberto Nuno OLIVEIRA e Octávio da Veiga FERREIRA, "Algumas obras de restauro e consolidação do castro de Vila Nova de São Pedro (Azambuja)", *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*, 1, Lisboa, 1990, pp. 49-58.

<sup>59</sup> Com base nas breves referências do seu responsável, as escavações realizadas entre a 2.<sup>a</sup> e a 3.<sup>a</sup> linha de muralhas "evidenciaram dispositivos defensivos complementares, nomeadamente muros de compartimentação do espaço" (Victor dos Santos GONÇALVES, "Emergência e desenvolvimento das sociedades agro-metalúrgicas", *História de Portugal dos Tempos Pré-Históricos aos Nossos Dias*, dir. João Medina, vol. I, Amadora, Ediclube, 1987, p. 231).

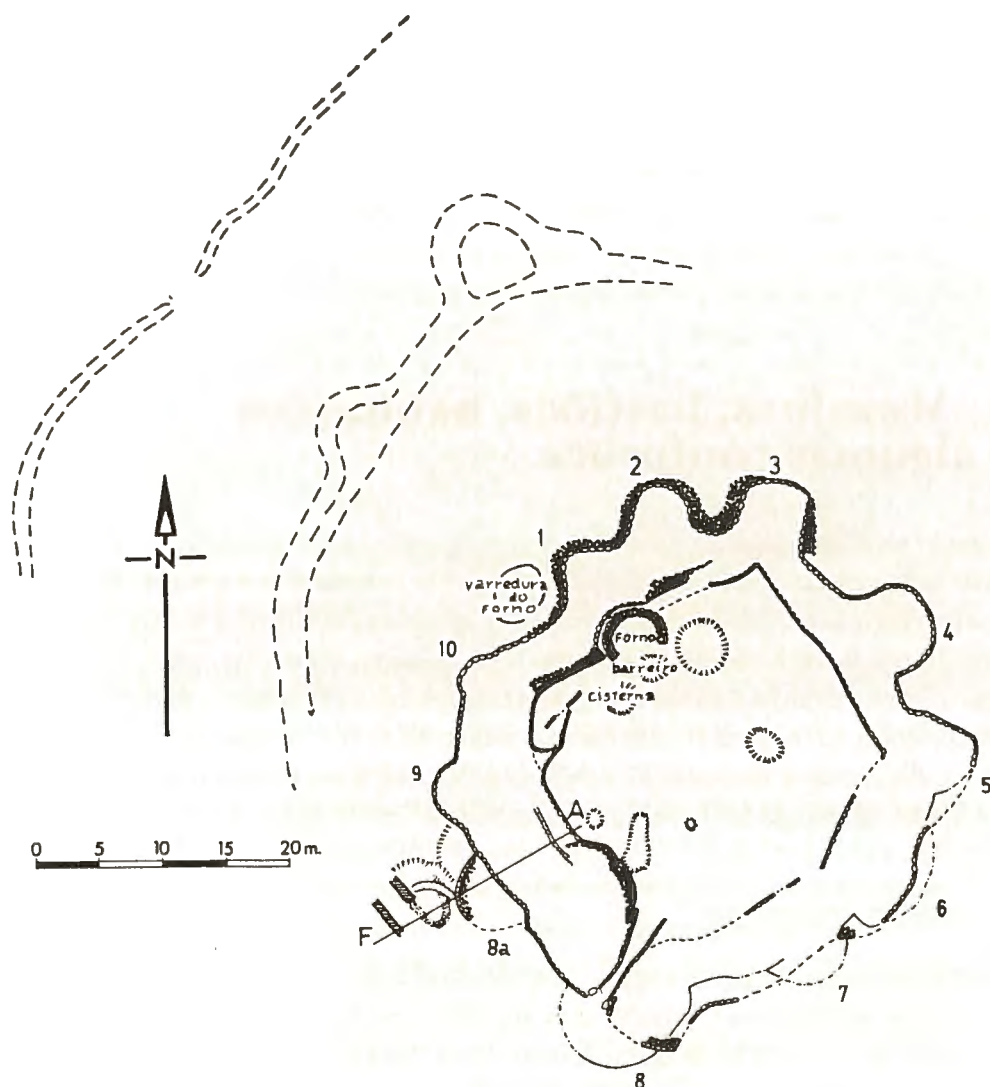
<sup>60</sup> António Monge SOARES e João M. Peixoto CABRAL, "Cronologia Absoluta para o Calcolítico da Estremadura e do Sul de Portugal", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 33 (3-4), Porto, 1993, pp. 217-235.

<sup>61</sup> Eugénio JALHAY e Afonso do PAÇO, "A povoação eneolítica de Vila Nova de São Pedro. Notas sobre a 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> campanha de escavações - 1937 e 1938" (1939), p. 234.

<sup>62</sup> Eugénio JALHAY e Afonso do PAÇO "El Castro de Vilanova de San Pedro" (1945), *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, vol. II, 255, fig. 15.

<sup>63</sup> H.N. SAVORY, "A section through the innermost rampart at the chalcolithic castro of Vila Nova de São Pedro, Santarém (1959)", *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, vol. I, 1970, pp. 133-148.

Fig. 7. Planta da muralha interior, integralmente escavada por Jalhay e Paço, com a localização do corte estratigráfico e das linhas exteriores reconhecidas, mas não escavadas, em 1959, por H.N. SAVORY, 1970.



construção. Em alternativa, poder-se-ia admitir que a primeira muralha a ser construída tivesse sido a intermédia, e só mais tarde, devido a modificações internas ou a pressões exteriores, tivesse sido erguida a muralha interior. No entanto, não há garantia de que a muralha intermédia envolvesse na totalidade a interior. Com efeito, esta situa-se junto ao rebordo este do esporão, a escassa distância do topo de uma encosta cuja inclinação natural tornaria supérflua a existência de outras linhas defensivas. Parece assim mais provável que as duas linhas exteriores, só reconhecidas em parte no lado oeste, se prolongassem mais para sul, até ao rebordo do esporão, sem contudo envolverem na totalidade a muralha interior.

O esclarecimento desta questão só poderia ser feito através de um extenso corte que atravessasse as três linhas defensivas até agora identificadas, e permitisse estabelecer uma cronologia



Fig. 8. Levantamento topográfico realizado em 1984 por Assembleia Distrital de Lisboa e rectificado em 1988 por J.M. ARNAUD e J.L. GONÇALVES, 1990.



relativa entre as mesmas, com base na sua correlação estratigráfica, à semelhança do que foi feito no Zambujal<sup>64</sup> e em Leceia<sup>65</sup>. A julgar pelos resultados das escavações em área feitas nestas duas fortificações, o processo de construção das estruturas defensivas de VNSP não terá sido tão linear como se poderia pensar, a partir dos dados actualmente disponíveis. Com efeito, a muralha interior, que hoje apresenta um aspecto muito maciço, terá sido inicialmente bastante mais estreita, tendo sido sucessivamente reforçada, através do preenchimento dos seus bastiões semicirculares, e da construção de muros de reforço.

A muralha interior é ainda hoje uma imponente construção, que delimita um espaço interior subquadrangular, medindo cerca de 25 metros no seu eixo norte-sul, e 24 metros no seu eixo este-oeste. No exterior, o seu contorno mostra já uma forma sensivelmente circular, com cerca de 40 metros de diâmetro. A sua espessura varia, conforme os locais, entre 3,5 metros e 7 metros, e a sua altura actual varia entre 1,6 metros e 3,6 metros. Porém, originalmente, a sua altura deveria exceder estes parâmetros, podendo atingir 4 a 5 metros.

O exterior da muralha interior apresenta dez torreões envolventes, que nela se integram como se tivessem sido construídos em simultâneo. Encontram-se espaçados a distâncias diferentes e concentram-se mais nos lados norte e este, sendo aí também que se apresentam em melhor estado de conservação. A sua forma é semicircular e quatro deles (1, 2, 3 e 4) variam entre 6 metros e 7 metros de diâmetro na base. O torreão 5 está incompleto, os 6, 7 e 8 estão quase destruídos, e os 9 e 10 destacam-se pouco da muralha (Fig. 7).

Jalhay e Paço referem-se a desmoronamentos e subseqüentes reparações da fortificação central, mas só em 1955 se afirma que deveria ter havido várias fases de construção<sup>66</sup>. Decerto assim aconteceu. Porém, a metodologia adoptada para a escavação desta fortificação não permitiu um conhecimento pormenorizado das diversas fases de construção e reforço das estruturas defensivas, em correlação com as sucessivas fases de ocupação, e respectiva cultura material.

Savory, em 1959<sup>67</sup>, encontrou um torreão até então desconhecido, designado 8a, que aparentemente encostava ao corpo da muralha, e que atribuiu ao período IIa. Sobre as fundações

<sup>64</sup> Edward SANGMEISTER e Hermanfrid SCHUBART, *Zambujal, Die Grabungen 1964 bis 1973*. Madrider Beiträge, 5 (1), Mainz, 1981.

<sup>65</sup> João Luís CARDOSO, *Leceia, Resultado das Escavações Realizadas 1983-1988*, Câmara Municipal de Oeiras, 1989; João Luís CARDOSO, *Leceia 1983-1993, Escavações da Povoação Fortificada Pré-histórica*. Estudos Arqueológicos de Oeiras, número especial, Oeiras, 1994.

<sup>66</sup> Afonso do PAÇO, "Castro de Vila Nova de São Pedro. VII - Considerações sobre o problema da metalurgia", pp. 27-40.

<sup>67</sup> H.N. SAVORY, "A Section through the innermost rampart at the chalcolithic castro of Vila Nova de São Pedro, Santarém (1959)". *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa 1970, vol. I, pp. 133-148.

<sup>68</sup> *Ibidem*.

<sup>69</sup> João Luís CARDOSO, *Leceia, Resultado das Escavações Realizadas 1983-1988 e Leceia 1983-1993, Escavações do Povoado Fortificado Pré-histórico*.

<sup>70</sup> Edward SANGMEISTER e Hermanfrid SCHUBART.

<sup>71</sup> Eugénio JALHAY e Afonso do PAÇO, "A póvoa eneolítica de Vila Nova de São Pedro. Notas sobre a 1.ª e 2.ª campanha de escavações - 1937 e 1938" (1939).

<sup>72</sup> Essas estruturas são descritas do seguinte modo: "Contudo aqui e além ainda podemos encontrar na parte escavada umas pedras dispostas em círculo e que não são mais do que fundos de cabana. As terras escavadas contém, além destes pedregulhos, enorme abundância de pedra britada, como a que se usa hoje nas nossas estradas, o que nos faz supor que entrariam na constituição dos adobos usados na edificação das habitações daqueles primitivos. De permeio com tudo isto, aparece uma infinidade de pontas de seta, faquitas de sílex e cristal de rocha, raspadores, percutores, mós, discos, machados de pedra, cilindros de calcário, contas, objectos de osso e de cobre, placas de barro, cerâmica de mui variadas dimensões, sementes, ossos de animais, etc" (*Ibidem*, pp. 234-235).

<sup>73</sup> "Aos fundos de cabana chamam os nossos trabalhadores 'cinzeiros', pois sempre os reconhecem por um depósito de

cinzas pardacentas, junto ao qual se encontram duas ou três pedras a pino, tudo rodeado por vezes por um círculo de pedras toscas" (Eugénio JALHAY e Afonso do PAÇO, "A póvoa eneolítica de Vila Nova de São Pedro. Notas sobre a 3.ª, 4.ª e 5.ª campanhas de escavações - 1939, 1940 e 1941" (1942), pp. 279).

<sup>74</sup> *Ibidem*, p. 280.

<sup>75</sup> Eugénio JALHAY e Afonso do PAÇO, "A Póvoa Eneolítica de Vila Nova de São Pedro. I - Escavações de 1942" (1943), p. 309.

desse torreão encontrava-se o desmoronamento da muralha interior, comprovado por um nível de derrube das pedras e argamassa utilizadas na sua construção.

Observações estratigráficas diversas, feitas ao longo das numerosas campanhas de escavações, confirmadas pelo corte estratigráfico realizado em 1959 por H.N. Savory<sup>68</sup>, levaram a admitir que a muralha interior assentava sobre uma camada de barro ou argamassa muito compacta, que por sua vez assentaria sobre a primeira ocupação do local, e que a muralha seria o produto de uma fase de construção mais avançada. Estas observações estão de acordo com os resultados das escavações efectuadas em Leceia, onde também foi detectada uma ocupação do Neolítico Final, de que só se encontraram vestígios de habitações, anterior à construção das três linhas de muralhas, que terão sido construídas em simultâneo, já durante o Calcolítico Inicial, e posteriormente reforçadas<sup>69</sup>, tal como se verificou no Zambujal, onde, porém, não há vestígios de ocupação anteriores ao Calcolítico<sup>70</sup>.

## Estruturas habitacionais

Embora desde a 1.ª campanha sejam referidas nos relatórios de escavação estruturas de habitação, designadas como "fundos de cabana", estas nunca foram devidamente localizadas nem desenhadas em pormenor, pelo que tudo o que resta, além de algumas fotos de má qualidade publicadas nos relatórios das escavações de 1937 e 1938<sup>71</sup>, é uma planta em escala muito reduzida, com a indicação de cinco dessas estruturas, no sector sul, num local que deverá corresponder à área em redor da muralha interior<sup>72</sup>.

Na 4.ª campanha, realizada em 1940, encontraram-se numerosos "fundos de cabana"<sup>73</sup> delimitados por um círculo de pedras rudemente aparelhadas, decerto cobertas de matéria vegetal, com uma lareira estruturada ao centro.

Em 1940 foram assinalados seis "cinzeiros", correspondentes a outras tantas estruturas habitacionais, e no ano seguinte voltam a encontrar-se bastantes "cinzeiros" ou lareiras estruturadas, no lado meridional do povoado, o que leva a concluir que esta parte foi a mais densamente habitada, pois era a mais protegida dos ventos predominantes, que, decerto já então, como ainda hoje, sopram de norte e de noroeste. Em 1941 os escavadores de VNSP observam ainda que, para o lado este, "os fundos de cabana multiplicam-se, havendo-os mesmo sobrepostos uns aos outros"<sup>74</sup>. Estas estruturas de habitação sobrepostas, tal como as que se encontraram no Zambujal, em torno da muralha interior, poderiam ter dado indicações de grande importância sobre os contextos domésticos e sua evolução, se tivessem sido escavadas e registadas com uma metodologia adequada.

Em 1942 as escavações incidiram sobre o sector nordeste, onde os restos de habitações eram menos abundantes, "certamente por ser o local um tanto desabrigado"<sup>75</sup>. Notou-se, porém, que "os fundos de cabana estavam aplanados com uma greda muito consistente, amarelo-avermelhada, que aqui e além enchia pequenas covas", como que formando um pavimento. Refere-se



ainda que "Alguns 'cinzeiros' ou fundos de cabana pareciam ter à roda, aqui e além, pedras dispostas à guisa de assentos"<sup>76</sup>. Estas lajes seriam decerto não propriamente "assentos", mas sim a base das próprias paredes das habitações.

A partir da 7.<sup>a</sup> campanha de escavações, que teve lugar em 1943, verifica-se uma alteração da estratégia de escavação: passa-se a escavar dentro da muralha interior, e dedica-se maior atenção às estruturas defensivas, e a referência a "fundos de cabana" e "cinzeiros" bem delimitados diminui.

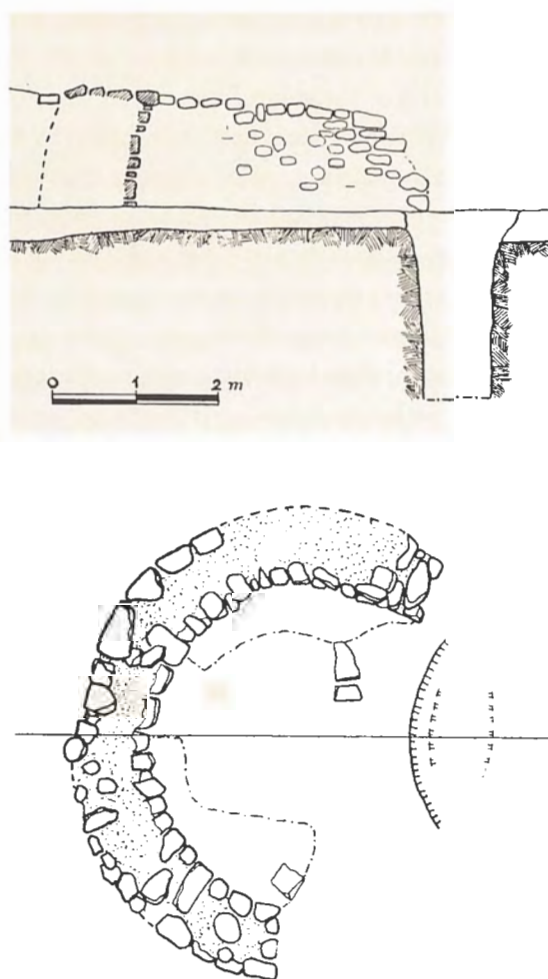
Também Savory, no corte estratigráfico realizado em 1959<sup>77</sup>, encontrou estruturas de habitação no exterior da muralha interior: do período Ia é assinalada uma habitação em fossa escavada na rocha; do período Ic, uma pequena cabana de planta em D, mais antiga do que a muralha e o torreão 8a, tendo "um nível de argamassa no exterior, sobre o qual se acumularam depósitos de ocupação de cabana"; do período IIb, as fundações de um muro curvo, que partia da face sul do torreão 8a seriam parte de uma grande cabana circular.

Os dados disponíveis parecem, assim, indicar que a área habitacional principal se situaria entre a muralha interior e a muralha intermédia.

Todas as estruturas de habitação acima referidas são cabanas de planta circular, que têm paredes de pedra, embora a sua super-estrutura devesse ter sido constituída por matéria vegetal – madeira ou vime – revestida por uma camada de barro seco ao sol.

### Outras estruturas

Em 1952 foi encontrada junto à face interna norte da muralha interior uma construção semicircular que, segundo Afonso do Paço, era abobadada e que foi interpretada como "restos de um forno de cozer cerâmica, que estaria em plena laboração quando foi destruído"<sup>78</sup>. Trata-se de uma estrutura com 3,9 metros de diâmetro interior e uma parede com cerca de 1 metro de espessura, que, a julgar pela sua inclinação interna, deveria de facto ser aboba-



<sup>76</sup> *Ibidem*, p.309.

<sup>77</sup> H.N. SAVORY, "A Section through the innermost rampart at the chalcolithic castro of Vila Nova de São Pedro, Santarém (1959)", pp. 133-148.

<sup>78</sup> Afonso do PAÇO, "Castro de Vila Nova de São Pedro, IX - 'Forno de cozer cerâmica'", *Revista de Guimarães*, 67 (1-2), Guimarães, 1957, pp. 93-94.

Fig. 9. Planta e corte do presumível "forno", encontrado em 1952, segundo Afonso do PAÇO, 1957.

<sup>79</sup> Note-se, porém, que a cortiça, quando queimada, produz fumo intenso, pelo que não deveria ter sido utilizada como elemento de combustão.

<sup>80</sup> H.N. SAVORY, *Espanha e Portugal*, Lisboa, Editorial Verbo, 1969, pp. 139-140 e 161.

dada. Apresentava no seu interior um nível de pedras e “barros” de desmoronamentos, misturados com fragmentos de cerâmicas e carvões, assentando sobre uma camada de terras queimadas, designada por “lar” do forno, a qual, por sua vez, assentava num estrato (B), sob o qual se encontrava a rocha calcária de base. Aquele primeiro nível, sob o “lar” do forno, incluía restos de madeira carbonizada de grande dimensão e mesmo um tronco volumoso, e até cortiça<sup>79</sup>. Este achado levou a considerar serem estas as madeiras utilizadas na parte central do “forno” para cozer os recipientes cerâmicos que se dispunham junto da sua parede.

Em frente ao “forno” encontrava-se uma cavidade aberta no calcário, cheia de barro, que serviria, segundo Paço, para o fabrico dos recipientes cerâmicos – era o “barreiro”. Ao lado estava o poço-cisterna que forneceria a água necessária para amassar o barro. Fora da muralha, mas perto do “forno”, encontrou-se uma outra cavidade, também aberta no calcário, que estaria cheia de “barros amassados”, sem sinais de cozedura, misturados com carvões e cinzas, e que foi interpretada como sendo um depósito de “varreduras de forno” e de restos da actividade dos oleiros: seria o “vasadouro”.

A aparente coerência desta interpretação dos dados arqueológicos apresentada por Afonso do Paço não resiste, porém, a uma análise mais aprofundada. Com efeito, importa, antes de mais, observar que esta construção foi encontrada apenas na sua forma subcircular, parecendo não haver vestígios da parte restante. Ora um forno, para atingir a elevada temperatura necessária para cozer cerâmica, ou outro produto, deveria ser uma construção fechada. Mas se o círculo se fechasse, integraria no seu interior a cavidade designada por “barreiro”... Podem colocar-se, assim, duas hipóteses: ou a construção não se fechava em círculo, sendo assim difícil que pudesse ser um forno, ou o “barreiro” seria uma cavidade aberta no terreno com outra função e numa época anterior à edificação desta estrutura. De qualquer modo, parece altamente improvável que a argila utilizada para fabricar cerâmica fosse conservada tão perto do forno, uma vez que o calor emanado deste a secaria, tornando-a inadequada para a moldagem.

A função desta estrutura semicircular permanece, assim, duvidosa. O mais provável é tratar-se da parte que resta de uma estrutura circular, de paredes abobadadas e cobertura de falsa cúpula, que poderia de facto ter sido utilizada como forno. Tendo, porém, em conta que a cerâmica, embora importante para a vida quotidiana dos habitantes deste povoado, não pode ser considerada como um recurso estratégico, afigura-se mais provável que o presumível forno fosse destinado à preparação de pão ou de outros alimentos para toda a comunidade. Com efeito, o forno de cozer pão é ainda hoje, em muitas comunidades rurais, um elemento estruturador de grande importância, pelo que se justificaria a sua colocação no interior desta fortificação, não só pela sua função, mas também pelo significado simbólico de que se pode revestir.

Neste contexto, merecem referência as observações de Savory de que o forno teria sido construído durante a primeira fase de ocupação do povoado, antes da construção da muralha interior, cuja face interior se curva para dentro de modo a englobá-lo<sup>80</sup>, o que mostra bem a importância que lhe era dada pela comunidade.

## O “poço” ou “cisterna”

No relatório das escavações de 1944, anuncia-se a descoberta de um “poço”, que também é designado, com mais propriedade, por “cisterna”, uma vez que seria improvável a ocorrência de uma toalha de água a tão pouca profundidade. Trata-se de uma cavidade aberta no substrato calcário, com cerca de 3,8 metros de profundidade total. Após o seu entulhamento, ossos de diversos animais, calcinados pelo fogo, deram aos escavadores “a impressão que diversos bichos morreram na boca do poço, ou por cima dela”<sup>81</sup>. Uma camada espessa de cinzas, carvões, ossos queimados e fragmentos cerâmicos encontrava-se na parte superior, sobre o entulhamento de pedras e terras. Na boca da presumível cisterna, algumas pedras cravadas no tufo calcário formavam uma espécie de escada de acesso ao patamar situado junto à sua parte mais estreita, a 1,3 metros da superfície e a 2,5 metros do fundo.

## Os silos

Ao longo das diversas campanhas de escavação foram descobertas várias estruturas, interpretadas como “silos”. A primeira referência é da campanha de 1939<sup>82</sup>, em que se encontraram “três concavidades abertas artificialmente no terreno, semelhante silos, mas de tamanho diverso. O maior mede 1,40 metros de diâmetro por 75 cm de altura; os outros 110×45 e 75×30. Continham todos três, ossos de animais, cinzas, conchas e fragmentos de cerâmica”. Encontravam-se do lado exterior da muralha interior, a noroeste. Também no exterior, mais a este, junto à muralha, “uma espécie de poço que entra para dentro do morro” poderia ser interpretado como silo, tanto mais que dentro se encontraram sementes incarbonizadas de linho<sup>83</sup>.

Outro silo, com 1,25 metros de profundidade e 0,9 metros de boca, “alargando-se o todo na parte inferior”, encontrava-se dentro da muralha interior<sup>84</sup>. Continha uma mistura incaracterística de artefactos e restos de fauna. Há ainda referências a um “grande silo”, com 3 metros de abertura de boca, contendo, a 1,2 metros de profundidade, muito barro queimado, carvões e abundância de ossos, sobre “uma espécie de lastro de pedras soltas”, dentro da muralha interior<sup>85</sup>, bem como a “uma espécie de vala ou silo alongado, com 4,8 metros de comprimento por 1,5 do lado norte e 2 metros do lado sul, contendo ossos de animais e poucos cacos”<sup>86</sup>.

Com excepção das três primeiras cavidades descobertas no exterior da muralha interior, que mesmo os próprios escavadores se interrogaram se seriam silos, e uma outra cavidade também localizada no exterior, junto à muralha, as restantes cavidades situam-se dentro da muralha interior, localização adequada para a defesa de reservas alimentares, embora se possa pôr em dúvida que a estrutura alongada, com cerca de 4,8 metros de comprimento, seja de facto um silo. Porém, é curioso notar que só se encontram associadas ao “silo” exterior, junto à muralha, algumas das muitas sementes de cereal recolhidas nas escavações, e em nenhum dos silos do interior do recinto se registou o achado de qualquer semente.

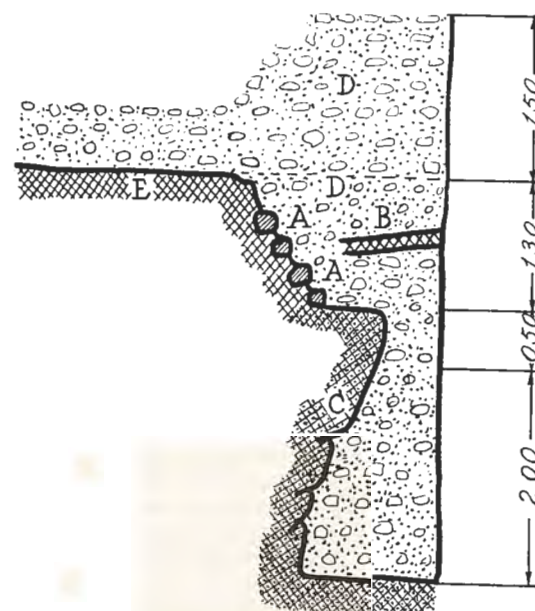


Fig. 10. Corte do “poço” ou “cisterna” descoberto em 1944, segundo PAÇO, 1947: “A-Pedras soltas cravadas no tufo calcário, formando uma espécie de escada que dá acesso ao patamar situado junto do gargalo; B-Camada de cinzas, carvões e ossos, que exalava mau cheiro; C-Rocha que, do patamar para baixo, contornava o poço; D-Camada de pedras soltas, terras, ossos, etc., que enchia esta obra de arte.”

<sup>81</sup> Afonso do PAÇO, “Castro de Vila Nova de São Pedro. VI – Campanhas arqueológicas de 1943 a 1950 (n.º 7 a n.º 14)”, pp. 39-42, e fig. 4.

<sup>82</sup> Afonso do PAÇO, “Castro de Vila Nova de São Pedro. VI – Campanhas arqueológicas de 1943 a 1950 (n.º 7 a n.º 14)”, pp. 45-46.

<sup>83</sup> Eugénio JALHAY e Afonso do PAÇO, “A povoação eneolítica de Vila Nova de São Pedro. Notas sobre a 3.ª, 4.ª e 5.ª campanhas de escavações – 1939, 1940 e 1941” (1942), p. 278.

<sup>84</sup> *Ibidem*, pp. 34-36.

<sup>85</sup> *Ibidem*, pp. 58-59.

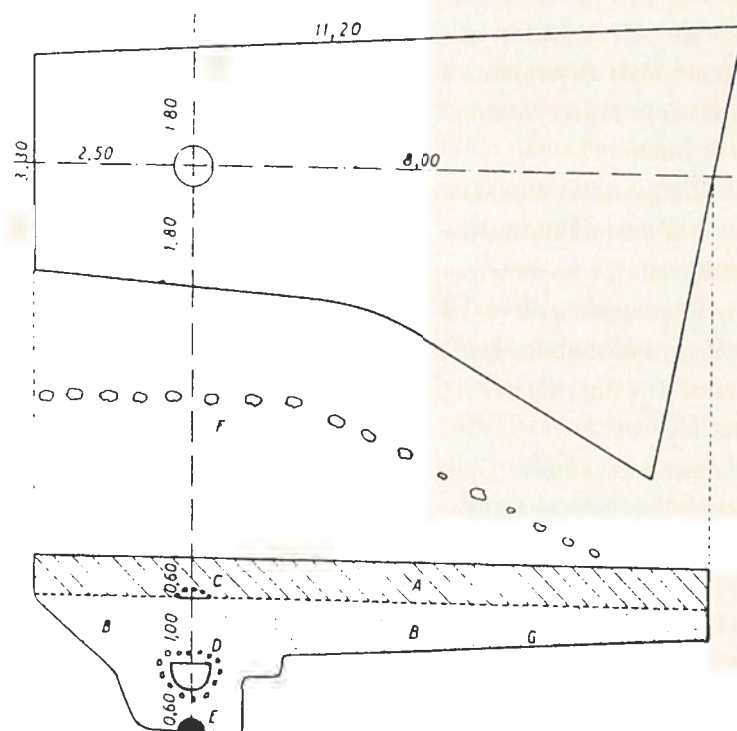
<sup>86</sup> *Ibidem*, p. 57.



<sup>87</sup> *Ibidem*, p. 45.

<sup>88</sup> Afonso do PAÇO, "Uma vasilha de barro, de grandes dimensões, do 'castro' de Vila Nova de São Pedro" (1943), *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, vol. 2, 1971, pp. 132-143.

Fig. 11. Planta e corte esquemático do contexto em que foi encontrada em 1939 a "vasilha de barro de grandes dimensões", interpretada como um "ritual de fundação", segundo PAÇO, 1943: "A-Terras arqueológicas; B-Barro amassado; C-Fundo de cabana; D-Vasilha de barro cercada de pedras; E-Local onde estavam ossos de um bovídeo e outros animais; F-Muro de pedra a Sul, encontrado na escavação de 1940; G-Local onde estavam os ossos de um grande bovídeo."



## Estrutura de fundição (?)

No lado sul da fortificação foi encontrada em 1945 "uma construção irregular em forma mais ou menos de círculo, com outras pedras dispostas à esquerda, que também não são casuais. Por cima do tal círculo de pedras apareceu muita cerâmica e fragmentos de um vaso com decoração nos bordos... Um fragmento de cadinho tinha muitas aderências de cobre derretido... Ao pé desses muros descobertos há vestígios de grandes lareiras"<sup>87</sup>.

Esta construção poderia talvez corresponder, não a uma estrutura especializada, relacionada com a actividade metalúrgica, mas sim a uma habitação, como as que se encontraram no Zambujal, entre a muralha interior e a muralha intermédia, contendo abundantes pingos e escórias de fundição, misturadas com inúmeras sementes carbonizadas, o que mostra uma estreita relação entre o processamento de alimentos e a metalurgia do cobre. Ou seja, a metalurgia parece ter sido uma actividade "doméstica", não requerendo construções especiais.

## Estrutura ritual

Logo em 1939 foi descoberto um recipiente de grandes dimensões, em condições de jazida muito particulares<sup>88</sup>. Encontrava-se integrado numa espessa camada de barro amassado, e o trabalha-

dor rural que o achou, mal se começou a aperceber de que se tratava de um grande recipiente cerâmico inteiro, largou a ferramenta e fugiu, pois há uma lenda que diz estarem enterradas no "Castelo" duas "panelas", uma com riquezas e outra com peste. Ora como desta não saiu nenhum tesouro, compreende-se que o homem tenha julgado ser esta a da peste...

De acordo com os escavadores, tratar-se-ia de uma deposição ritual, integrada numa cerimónia religiosa de certa complexidade, reconstituída como se segue:

Inicialmente ter-se-á procedido à escavação de uma cavidade de grande amplitude e forma sub-trapezoidal, com 11,2 metros de comprimento e 3,3 metros de largura mínima, com a profundidade máxima de 2,6 metros. Aí terá sido depositado um bovídeo e outros animais, decerto sacrificados na ocasião. Sobre estes, terá sido acendida uma fogueira, colocado ao lado um pequeno recipiente cerâmico, e depositado barro amassado e uma camada de pedras. Sobre as pedras terá sido colocado o grande vaso de cerâmica não decorada, com 58 cm de diâmetro e 38 cm de altura, contendo restos de animais. Este vaso, cercado por um muro consistente de pedra, terá sido coberto por novas camadas de barro amassado e de pedras,

com mais de um metro de espessura acima da boca do vaso. Dentro desta cavidade encontraram-se ainda ossos de um grande bovídeo, que dava a impressão de ali ter sido depositado sobre o barro amassado. Esta camada de barro ainda se estende muito para fora da cavidade.

De acordo com os escavadores, “o cuidado e precauções tomadas para que tudo se conservasse intacto a tamanha profundidade, faz-nos crer que se trata de uma cerimónia religiosa, praticada certamente no princípio, talvez uma consagração do local levada a cabo pelos habitantes do ‘castelo’ quando ali se estabeleceram ou então ante-câmara de ritual fúnebre”<sup>89</sup>.

Embora de facto não existam paralelos exactos para este ritual, afigura-se mais provável a primeira hipótese avançada, de que se trataria de um ritual de fundação do povoado, realizado na fase inicial de ocupação, anteriormente à construção da muralha interior, a julgar pelos escasos dados estratigráficos disponíveis e também por se situar no exterior da mesma.

## 5. Principais fases de construção e reconstrução

VNSP foi a primeira fortificação deste tipo a ser identificada e escavada em larga escala no território português, numa época em que a metodologia de escavações não estava ainda suficientemente desenvolvida, o que não permitiu registar em pormenor as suas várias fases de construção e reconstrução.

Coligindo as escassas observações de carácter estratigráfico feitas por Eduardo Jalhay e Afonso do Paço e o corte estratigráfico minucioso, mas de amplitude muito limitada, feito por H.N. Savory, em 1959, com uma análise tipológica dos materiais encontrados, é possível estabelecer as seguintes fases de ocupação:

1.<sup>a</sup> fase – Durante o período Neolítico Final (3500-3250 a.C.), ainda antes da construção das muralhas<sup>90</sup>, este lugar teria sido ocupado por uma população cuja cultura material incluiria micrólitos trapezoidais, machados polidos de secção subcircular, placas-ídolo de xisto e, possivelmente, taças carenadas e vasos de bordo denteado, tal como aconteceu noutros povoados da Estremadura portuguesa.

2.<sup>a</sup> fase – Durante o Calcolítico Inicial (3250-3000 a.C.) não teria ainda sido construída a muralha interior, mas encontraram-se abundantes vestígios de ocupação, com especial destaque para os “copos” de cerâmica canelada, sobretudo nos níveis inferiores, os potes, taças e pratos lisos, as placas de barro com perfurações nos cantos, os ídolos de “cornos”, os moventes e dormentes de moinhos de vaivém, e lascas rudes de sílex.

3.<sup>a</sup> fase – Durante o Calcolítico Médio (3000-2500 a.C.) foi depositada na parte central da fortificação uma espessa camada de argamassa, constituída por calcário misturado com argila, para servir de base à construção da muralha interior e dos seus bastiões<sup>91</sup>. Os artefactos encontrados sobre esta camada de argila mostram uma certa continuidade cultural, mas com grande abundância de pontas de seta de base côncava e de outros utensílios de sílex, a substituição dos “copos” canelados por vasos decorados com caneluras mais profundas e folhas de acácia impres-

<sup>89</sup> *Ibidem*, p. 142.

<sup>90</sup> A muralha interior ainda não teria sido construída, mas já poderiam existir estruturas defensivas de carácter mais precário, construídas com terra e madeira e reforçadas por fossos, de que, porém, ainda não se encontraram vestígios.

<sup>91</sup> Embora, como já se referiu, não haja elementos suficientes para correlacionar a data de construção das três linhas de muralhas até agora identificadas, presume-se que terão sido todas construídas nesta fase, à semelhança do que se verificou no Zambujal (Torres Vedras) e em Leceia (Oeiras), embora tenham sido objecto de posteriores reforços e acrescentos (cf. Edward SANGMEISTER e Hermanfrid SCHUBART, *Zambujal – Die Grabungen 1964 bis 1973*, Madrider Beiträge 5, Philipp von Zabern, Mainz am Rhein 1981, e João Luís CARDO-SO, *Leceia 1983-1993, Escavações do povoado pré-histórico*, Câmara Municipal de Oeiras, Oeiras, 1994).

<sup>92</sup> Edward SANGMEISTER, e Hermanfrid SCHUBART, *ob. cit.*

<sup>93</sup> João Luís CARDOSO, *Leceia, Resultado das Escavações Realizadas 1983-1988 (Torres Vedras)*, Câmara Municipal de Oeiras, 1989; IDEM, *Leceia 1983-1993, Escavações do Povoado Fortificado Pré-Histórico*. Estudos Arqueológicos de Oeiras, número especial, Oeiras 1994.

sas, e com o acréscimo de pequenos utensílios de cobre, e de cadinhos de fundição, o que permite associar a introdução da metalurgia a uma maior preocupação defensiva.

4.<sup>a</sup> fase – Durante o Calcolítico Final (2500-2000 a.C.), quando a muralha interior já teria entrado em ruína, o local terá sido em parte ocupado por portadores de cerâmica do complexo campaniforme, com profusa decoração, que se encontrou quase exclusivamente nos níveis superiores de ocupação, à semelhança do que se verificou noutras fortificações da região, tais como o Zambujal, ou Leceia. Tais observações têm fundamentado a atribuição do colapso destas fortificações à chegada de novas populações, portadoras de uma cultura material diferente.

5.<sup>a</sup> fase – Finalmente, durante a Idade do Bronze (a partir de 1500 a.C.), este local terá sido apenas ocupado de modo esporádico, como o atestam alguns utensílios de bronze, tais como um machado plano, um cutelo, que ainda conserva o cabo de osso, um punhal de rebites, um escopro, e algumas pontas de seta pedunculadas.

As grandes fases de ocupação acima esquematizadas, de modo muito sumário, poderiam, no entanto, ser subdivididas em inúmeras sub-fases, tal como se viria a verificar mais tarde, no decurso das escavações realizadas em fortificações muito semelhantes, como o Zambujal<sup>92</sup> ou Leceia<sup>93</sup>, em que parece ter existido uma constante construção, destruição e reconstrução das muralhas, e uma correspondente reorganização do espaço interior.

## 6. “A vida no Castelo”: caçadores, pastores, agricultores, artífices, metalurgistas e guerreiros

Durante as escavações foi recolhido um espólio muito abundante e variado, que permitiu o conhecimento de muitos aspectos da vida quotidiana dos habitantes desta complexa fortificação.

Os inúmeros ossos de animais selvagens ou domésticos e as sementes e frutos carbonizados encontrados durante as escavações permitiram reconstituir a dieta dos seus habitantes. Esta baseava-se essencialmente na criação de gado (ovinos, caprinos, suínos e bovinos), e no cultivo de cereais (trigo rijo e cevada) e de leguminosas, como a fava céltica ou “ratinha”, de que se encontraram numerosos exemplares, e possivelmente a ervilha. Cultivavam ainda o linho, decerto para o fabrico de vestuário, e também para a alimentação. Estes produtos, característicos da economia agro-pecuária pré-histórica da Europa mediterrânica, desenvolvida durante o período Neolítico, eram completados pelos provenientes das actividades ancestrais, características da economia de subsistência, baseada no trinómio caça-pesca-recollecção, cujo sucesso está bem patente nos famosos concheiros do vale do Tejo. Com efeito, encontraram-se nesta fortificação numerosos ossos de veado, javali e auroque, bem como conchas de moluscos e bolotas carbonizadas. Recolheram-se ainda numerosos ossos de equídeos, sem que seja possível determinar se se tratava de animais selvagens ou domésticos. O cavalo selvagem, relativamente abundante em contextos do Paleolítico Superior, é raro no registo arqueológico na época pós-glaciar, mas



ocorre na Arte do Tejo, pelo que é muito possível que se trate de cavalos domesticados localmente e destinados à tracção ou à equitação. Embora seja difícil quantificar a importância relativa de cada um destes alimentos, devido à inexistência de recolhas sistemáticas ou de amostragens significativas, pode, porém, concluir-se que os habitantes desta fortificação tinham uma alimentação muito rica e variada.

Muito rica e variada era também a sua cultura material. Com efeito, ao longo de três décadas de escavações recolheu-se uma vasta gama de utensílios, manufacturados nos mais variados materiais, e destinados às mais diversas actividades. Entre estes merecem referência inúmeros utensílios de sílex, entre os quais se destacam milhares de pontas de seta, das mais variadas formas (cat. n.ºs 574-649), incluindo exemplares em forma de torre "Eiffel" ou de mitra, que atestam a importância da caça e as preocupações defensivas dos seus habitantes, uma vasta gama de utensílios de pedra polida, tais como machados (cat. n.ºs 368-399), enxós (cat. n.ºs 408-420) e goivas (cat. n.ºs 421-426), para trabalho da madeira, muitos deles reutilizados como utensílios agrícolas, pequenas mós (cat. n.ºs 808-813), para moer cereais, furadores, agulhas e cabos de utensílios em osso (cat. n.ºs 745-807).

Encontraram-se ainda numerosos artefactos de cobre, para as mais diversas funções (cat. n.ºs 272-367), bem como grande quantidade de escórias e pingos de fundição (cat. n.º 268), e os característicos cadinhos de fundição em cerâmica (cat. n.ºs 269-271), que atestam a importância da actividade metalúrgica. Esta é analisada em pormenor mais adiante, no subcapítulo intitulado "A metalurgia em VNSP: algumas reflexões", da autoria de A. Monge Soares, pelo que será aqui abordada de modo muito sumário.

Apesar da maior parte dos artefactos metálicos encontrados terem sido feitos de cobre arsenical, o que lhes dá maior consistência do que se tivessem sido feitos de cobre puro, estes objectos deviam ter uma função mais simbólica do que prática, pois a maior parte dos utensílios de uso corrente são feitos de sílex e de outras rochas siliciosas, não só mais abundantes na região, mas também muito mais eficazes. Com efeito, o cobre, embora fácil de trabalhar, devido à sua ductibilidade, é pouco resistente, mesmo quando contém uma pequena percentagem de arsénio, como no caso da maior parte dos utensílios encontrados em VNSP, e além disso é bastante raro na região de Lisboa, tendo sido provavelmente importado da faixa piritosa do Baixo Alentejo e Algarve, onde então era muito abundante, em filões superficiais.

Uma das peças metálicas mais notáveis é um cutelo, que ainda conserva o seu cabo em osso (cat. n.º 1184), o qual, porém, tem já uma elevada percentagem de estanho, pelo que deve corresponder a uma reocupação desta fortificação, já durante a Idade do Bronze, juntamente com alfinetes (cat. n.ºs 1185-1187), a agulha (cat. n.º 1188), os rebites (cat. n.ºs 1189-1192), os punhais (cat. n.ºs 1193-1194), a ponta de flecha (cat. n.º 1195), o cinzel (cat. n.º 11989) e os três vasos carenados (cat. n.ºs 1180-1182).

A maior parte do espólio é constituída por fragmentos de utensílios e vasos de cerâmica, das mais variadas formas, entre os quais se destacam os belos copos decorados com finas caneluras

<sup>94</sup> Sónia Duarte FERREIRA, *Os Copos no Povoado Calcolítico de Vila Nova de São Pedro*. Estágio prático e relatório final de licenciatura apresentado à Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2001.

<sup>95</sup> Vera LEISNER e Hermanfrid SCHUBART, *Die kupferzeitliche Befestigung von Pedra do Ouro, Portugal, (Madrider Mitteilungen)* 7, 1966, pp. 9 a 60.

<sup>96</sup> Hermanfrid SCHUBART e Edward SANGMEISTER, *Zambujal. Die Grabungen 1964 bis 1973*, *Madrider Beiträge* 5, Mainz am Rhein, 1981, pp. 290 e fig. 61 (m.p.q.).

<sup>97</sup> Cf. José Morais ARNAUD, "Nota sobre os ídolos oculados do Vale d'Ouro (Ferreira do Alentejo)", *Arqueologia e História*, série X, vol. I/II (1), Lisboa, 1984-1988, pp. 43-50.

<sup>98</sup> O.G.S. CRAWFORD, *The Eye Goddess*, Londres, 1958.

<sup>99</sup> Victor HURTADO, "Los ídolos calcolíticos de 'La Pijotilla' (Badajoz)", *Zephyrus*, 30-31, Salamanca, 1980, pp. 165-203.

(cat. n.ºs 263-267), característicos da primeira fase de ocupação, e que foram recentemente estudados por Sónia Duarte Ferreira<sup>94</sup>, os vasos decorados com incisões, quer no exterior, quer no interior, e os vasos do complexo campaniforme (cat. n.ºs 1152-1156, 1162 e 1163), com elaboradas decorações incisas ou a pontilhado, que caracterizam o final do Calcolítico na Europa atlântica, e que estão abundantemente representados nos níveis superiores de ocupação.

Merecem ainda especial referência as numerosas placas quadrangulares de barro, com perfurações nos cantos, que têm sido interpretadas como pesos de tear. Cerca de 220 destas placas apresentam, em uma ou em ambas as faces, representações de cervídeos ou de símbolos solares, ou ainda, na maior parte dos casos, uma grande variedade de motivos geométricos ou abstractos, cujo significado se desconhece (cat. n.ºs 863-944). Embora se tenham também encontrado placas semelhantes em outras fortificações calcolíticas desta região, tais como Pedra do Ouro (Alenquer)<sup>95</sup> e Zambujal (Torres Vedras)<sup>96</sup>, este é sem dúvida o maior conjunto que se conhece. Sobre a sua função e significado sabe-se muito pouco. A sua muito possível ligação aos têxteis, baseada em paralelos etnográficos mais ou menos longínquos, poderia sugerir que a maior parte delas, de carácter claramente geométrico, representassem padrões de tecidos, embora tal explicação não se aplique tão facilmente às representações de animais, aos símbolos solares, ou a todo um conjunto de representações bem definidos, com paralelos noutros locais, mas cujo significado se desconhece. Outra hipótese seria a de se tratar de representações de carácter clânico, ou familiar.

Encontraram-se também três pequenas estatuetas femininas de terracota (cat. n.ºs 1123-1126) e uma de osso (cat. n.º 1127), bem como numerosos objectos feitos em osso, mármore, calcário e cerâmica, com representações estilizadas da figura humana, de um modo geral interpretados como sendo "ídolos". Todos estes objectos são estudados em pormenor mais adiante, por Mário Varela Gomes, no subcapítulo intitulado "O sagrado em Vila Nova de São Pedro", pelo que serão aqui referidas de modo muito sumário.

A maior parte destes objectos integra-se na categoria dos "ídolos cilíndricos", feitos em mármore e calcário, sem qualquer representação da face, ou com os olhos representados por simples pontos incisos (cat. n.ºs 1094-1122), ou mesmo a chamada "tatuagem facial", constituída por um ou dois pares de linhas onduladas sob os olhos (cat. n.ºs 1130-1131). Esta "tatuagem facial", que surge também numa notável estatueta de terracota, fragmentada, mas com indiscutíveis atributos femininos (cat. n.º 1126), existe também numa série de "ídolos", com representações mais elaboradas dos olhos, e até do cabelo, características do Calcolítico do Sudoeste peninsular<sup>97</sup>, que chegaram a ser relacionadas com uma possível divindade, associada ao culto oriental da fertilidade, que Crawford designou por "A Deusa dos Olhos", a qual seria originária do Mediterrâneo oriental, difundindo-se por via marítima ao longo da Europa mediterrânica e atlântica<sup>98</sup>. Mais recentemente, foi encontrada no povoado de La Pijotilla (Badajoz) uma grande variedade de representações dessa "divindade" que, de acordo com Victor Hurtado<sup>99</sup>, seria simbolizada por uma coruja e teria um significado "nocturno", relacionado com o culto dos mortos.



A muralha interior vista de Oeste.  
Fota: José M. Arnaud

## 7. VNSP no quadro do Calcolítico do Sudoeste peninsular

Quando se iniciaram as escavações, em 1937, conheciam-se ainda muito mal os povoados calcolíticos do território português. Com efeito, nenhum dos numerosos povoados fortificados dessa época existentes no litoral estremenho havia sido escavado de forma sistemática.

Os paralelos mais próximos para VNSP são sem dúvida, como já se referiu, as fortificações do Zambujal e de Leceia.

Entre os inúmeros elementos comuns a estas três fortificações destaca-se a sua implantação topográfica, em esporões que dominam pequenos vales, garantindo o acesso ao mar, ou aos grandes rios, a existência de complexos sistemas defensivos, incluindo várias linhas de muralhas, com bastiões, ou mesmo barbacãs com seteiras, que defendem áreas muito restritas, nas quais se encontram vestígios de habitações, associados a uma vasta gama de utensílios e a abundantes restos de alimentos, e ainda a vestígios de actividade metalúrgica, que se processaria em contextos domésticos.

Porém, existem algumas diferenças, no que respeita ao faseamento e à cronologia de ocupação. Assim, enquanto em VNSP e em Leceia parece haver indícios de um início de ocupação atribuível ao Neolítico Final, e datado (em Leceia) pelo radiocarbono, em cerca de 3500 calib.a.C., no Zambujal a mais antiga ocupação remonta já ao início do Calcolítico, e foi datada pelo radiocarbono em cerca de 3000 calib.a.C..

As preocupações defensivas expressas com clareza nesta complexa fortificação, foram de início interpretadas como reflectindo um estado de "guerra permanente" entre os seus habitantes e as comunidades vizinhas<sup>100</sup>. Daí à sua interpretação como sendo "colónias" de metalurgistas do cobre provenientes do Mediterrâneo Oriental, que aí armazenariam matérias-pri-

<sup>100</sup> Esta interpretação seria ainda mais reforçada pelo achado, durante as escavações, de vestígios de incêndios generalizados entre duas grandes fases de ocupação, o que é mesmo explicado por "um ataque inimigo, vindo por exemplo de Pragança, ou de outro castro, que desse como resultado a derrota de Vila Nova seguida de incêndio posto": Afonso do PAÇO, "Castro de Vila Nova de São Pedro. VI – Campanhas arqueológicas de 1943 a 1950 (n.º 7 a n.º 14)", *Arqueologia e História*, 8.ª série, 3, Lisboa 1947, p. 49.



<sup>101</sup> Afonso do PAÇO e Edward SANGMEISTER, "Vila Nova de São Pedro, eine befestigte Siedlung der Kupferzeit in Portugal", *Germania*, 34 (3-4), Berlim, 1956, pp. 211-230.

<sup>102</sup> Cf. Beatrice BLANCE, "Early bronze age colonists in Iberia", *Antiquity*, 35, Cambridge 1961, pp. 192-202; idem, *Die Anfänge der Metallurgie auf der iberischen Halbinsel*, Studien zu den Anfängen der Metallurgie 4, Berlim. Esta teoria baseava-se nas semelhanças existentes entre os "copos" encontrados nos níveis inferiores e cerâmicas do Neolítico Final e do início do Minoense ou do Heládico, ou ainda com as píxides cicládicas do grupo de Pelos.

<sup>103</sup> Cf. H.N. SAVORY, "A Section through the innermost rampart at the chalcolithic castró of Vila Nova de São Pedro, Santarém (1959)". *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, vol. I, pp. 142-148.

<sup>104</sup> Colin RENFREW, "Colonialism and megalithism", *Antiquity* 41, Cambridge, pp. 276-288; IDEM, *The Emergence of Civilization: The Cyclades and the Aegean in the Third Millennium B.C.*, Londres, Methuen, 1972; IDEM, *Before Civilization*, Londres, 1973.

<sup>105</sup> No que respeita ao norte do país, ver sobretudo Susana Oliveira JORGE, "O povoado de Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) no contexto da Pré-História Recente do norte de Portugal", 1.<sup>o</sup> *Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. 1, Porto, SPAE, 1993, pp. 179-216. Em relação ao Sul, ver sobretudo Victor dos Santos GONÇALVES, *Megalitismo e Metalurgia no Alto Alentejo Oriental. Uma Aproximação Intergrada*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 566 pp., 1991.

<sup>106</sup> Ver, por exemplo, Robert CHAPMAN, *Economy and Society within Later Prehistoric Iberia: a new framework*, Tese de Doutoramento inédita apresentada à Universidade de Cambridge em 1975, e *La Formación de las Sociedades Complejas. El Sureste de la Península Ibérica en el Marco del Mediterráneo Occidental*, Barcelona, Editorial Crítica, 1991; Margarita DÍAZ-ANDREU, "Las sociedades complejas del Calcolítico y Edad del Bronce en la Península Ibérica", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 33 (1-2), Porto, 1993, pp. 245-263.

mas e produtos manufacturados para serem exportados por via marítima, antecipando em dois milénios o modelo de colonização fenícia, foi um passo. Esta teoria, que se inseria na perspectiva difusionista e orientalista então predominante, foi adoptada por Paço, devido à influência do eminente pré-historiador alemão, Edward Sangmeister<sup>101</sup>, e dominou durante longos anos a Pré-História peninsular. Deve-se, no entanto, a Beatrice Blance o seu pleno desenvolvimento<sup>102</sup>. O próprio Savory aceitou em parte a hipótese de ter havido uma influência proveniente do Mediterrâneo Oriental na primeira fase de VNSP, mas afirma com clareza que, no contexto ibérico, os "copos" se restringem à área do baixo vale do Tejo, e não fazem parte da cultura de Los Millares, que, segundo Blance, teria sido a principal responsável pela "colonização" da Península e pela introdução de fortificações com bastiões<sup>103</sup>.

Porém, uma análise mais aprofundada dos dados disponíveis permitiu uma refutação desta teoria, a qual se deve em grande parte à influência das posições antidifusionistas de um profundo conhecedor da Pré-História do Mediterrâneo Oriental, Colin Renfrew<sup>104</sup>. Com efeito, não só não se encontraram vestígios de contactos directos com povos contemporâneos do Mediterrâneo Central e Oriental, como também não se encontraram vestígios da existência nas áreas adjacentes de populações contemporâneas com uma cultura material distinta da existente nestas fortificações, nem sequer existem filões de cobre nesta região.

Investigações realizadas nos últimos vinte anos, de norte a sul do país<sup>105</sup>, e nas regiões limítrofes do território espanhol, permitiram verificar que o fenómeno da construção de pequenas fortificações com bastiões e outras estruturas defensivas de maior ou menor complexidade, é muito mais generalizado do que se pensava, podendo mesmo ser considerado como uma das características mais marcantes do Calcolítico peninsular. Porém, em poucos desses sítios se encontrou uma tão grande densidade e complexidade de vestígios de construções e ocupações sucessivas concentrados numa área relativamente restrita como em VNSP, Zambujal ou Leceia.

Concluiu-se, assim, que o investimento considerável feito na construção e reconstrução destas fortificações deveria reflectir não tanto um estado de guerra permanente entre comunidades vizinhas, mas tão-só a existência de estruturas urbanísticas estáveis, e de um elevado grau de competitividade entre aquelas, cada uma procurando investir os excedentes de mão-de-obra na construção de estruturas defensivas que, além do seu efeito prático, teriam também um efeito de dissuasão, e de afirmação de prestígio político, o que, em conjunto com a existência de uma rede de troca de objectos de prestígio, só acessíveis às elites político-militares, é característico de sociedades já com um certo grau de complexificação económica e social, cuja existência na Península Ibérica desde o Calcolítico tem sido defendida por vários autores<sup>106</sup>.